

# mediação

EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

ISSN 2317-4838

# 12

## ARTIGOS

1

○ MEDIAÇÕES PERFORMÁTICAS PARA O CONHECIMENTO:  
O YOUTUBE EM TEMPOS DE PANDEMIA

| pág. 5

2

○ PROTAGONISMO E INTERDISCIPLINARIDADE NAS  
AULAS DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA

| pág. 16

3

○ REAPROVEITAMENTO DE RESÍDUOS INDUSTRIAIS:  
TRANSFORMANDO PROBLEMA EM EDUCAÇÃO  
AMBIENTAL E INOVAÇÃO

| pág. 26

4

○ O PERFIL DO EGRESSO EM DESIGN DA UEMG  
UNIDADE UBÁ

| pág. 36

5

○ MEDIAÇÃO EXTRAJUDICIAL:  
UM CAMINHO PARA RESULTADOS POSITIVOS E  
EFICAZES SEM JUDICIALIZAÇÃO

| pág. 44

UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



UNIDADE UBÁ



**MEDIAÇÃO:** um veículo de comunicação da área de Ciências Humanas da Universidade do Estado de Minas Gerais, com interfaces para a atuação na Educação, Comunicação, Design, Artes, Letras e demais áreas.

**ISSN: 2317-4838**

**Editora:** Priscila Paschoalino

**Editor-gerente:** Billy Fádel

**Capa e Diagramação:** Billy Fádel

Publicação vinculada ao Departamento de Ciências Humanas e Linguagens da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Ubá.

Endereço para envio de submissões:

<http://revista.uemg.br/index.php/mediacao/index>

Av. Olegário Maciel, Nº 1429,  
Bairro Industrial.  
CEP: 36502-026

**editora | UEMG**

## Comissão Editorial

Prof<sup>ª</sup>. Priscila Paschoalino. Universidade do Estado de Minas Gerais/ UEMG - Ubá, Brasil.

Prof<sup>ª</sup> Kelly da Silva. Universidade do Estado de Minas Gerais/ UEMG - Ubá, Brasil.

Prof. Marco Antonio Barroso Faria. Universidade do Estado de Minas Gerais/ UEMG - Ubá, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Orcione Aparecida Vieira Pereira. Universidade do Estado de Minas Gerais/ UEMG - Ubá, Brasil.

Billy Fádel M. Rampinelli. Graduando, Bacharel em Design. Universidade do Estado de Minas Gerais/ UEMG - Ubá, Brasil.

## Conselho Científico

Prof. Wallace Faustino da Rocha Rodrigues. Universidade do Estado de Minas Gerais/ UEMG - Barbacena, Brasil.

Prof. Leandro Luciano da Silva. Universidade Estadual de Montes Claros/ Unimontes - Montes Claros, Brasil.

Prof. Antônio Dimas Cardoso. Universidade Estadual de Montes Claros/ Unimontes - Montes Claros, Brasil.

Prof. Edgar Leite de Oliveira. Universidade Federal de Viçosa/ UFV - Viçosa, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Cristina Simões Bezerra. Universidade Federal de Juiz de Fora/ UFJF - Juiz de Fora, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Rose Elke Debiase. Universidade Federal de Santa Catarina/ UFSC - Florianópolis, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Miriam Fábila Alves. Universidade Federal de Goiás/ UFG - Goiânia, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Aline Aparecida Ângelo. Universidade Federal do Maranhão/ UFMA - São Luís, Brasil.

Prof. Fábio Boscaglia Pinto. Instituto Federal do Espírito Santo/ IFES - Aracruz, Brasil.

Prof. Adriano Mesquita Oliveira. Instituto Federal do Espírito Santo/ IFES - Guarapari, Brasil.

Prof. Eliesér Toretta Zen. Instituto Federal do Espírito Santo/ IFES - Vitória, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Elizete Oliveira de Andrade. Universidade do Estado de Minas Gerais/ UEMG - Ubá, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Janaina Nascimento Simões de Souza. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ UFRRJ - Seropédica, Brasil.

Prof. Douglas Christian Ferrari de Melo. Universidade Federal do Espírito Santo/ UFES - Vitória, Brasil.

Prof. Humberto Schubert Coelho. Universidade Federal de Juiz de Fora/ UFJF - Juiz de Fora, Brasil.

Prof. Luciano Caldas Camerino. Universidade Federal de Juiz de Fora/ UFJF - Juiz de Fora, Brasil.

Prof. Alexandre Ferreira de Souza. Secretaria de Estado da Educação/ SEDU-ES - Vitória, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Milena Guerson. Universidade Federal do Tocantins/ UFT - Palmas, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Andrea Vicente Toledo Abreu. Universidade do Estado de Minas Gerais/ UEMG - Carangola, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Sofia Luíza Brito. Universidade do Estado de Minas Gerais/ UEMG - Ubá, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Anna Cristina Barbosa Dias de Carvalho. Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo/ FATEC - Itaquera e São Bernardo do Campo, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Débora Brandão Paula. Universidade do Estado de Minas Gerais / UEMG - Ubá, Brasil.

Prof. Wescley Dinali. Universidade do Estado de Minas Gerais / UEMG - Ubá, Brasil.

Prof<sup>ª</sup>. Nilza da Silva Moraes. Universidade do Estado de Minas Gerais / UEMG - Ubá, Brasil.

Prof. Jorge de Assis Costa. Universidade do Estado de Minas Gerais / UEMG - Ubá, Brasil.

## || Editorial

**A Revista Científica Virtual Mediação** é um periódico da unidade de Ubá, vinculado à Editora UEMG, na qual são discutidos temas diversos, problematizados nos estudos de Educação e Humanidades. Nascida de incessantes discussões dos membros do Departamento de Ciências Humanas e Linguagens, é um pertinente meio de socialização entre os diversos saberes acadêmicos e fomenta diálogos interdisciplinares. Neste número 12 são apresentados cinco artigos que apresentam temas atuais e revelam idiosincrasias de nossa sociedade.

O primeiro artigo discute questões relativas às representações da ciência na internet, investigando as práticas de comunicação na cultura midiática, objetos de estudo que, diante da pandemia, foram redimensionados quanto a sua importância social.

A temática do ensino de inglês como língua adicional e uso estratégias interdisciplinares é o tema do segundo trabalho, que foi construído com base em uma pesquisa feita com alunos do Ensino Médio da rede pública acerca das aulas de leitura em Língua Inglesa.

O terceiro e o quarto estudos são contribuições da área de Design. O terceiro trabalho apresenta a possibilidade de divulgação e ampliação do conhecimento por parte da comunidade acerca da interdisciplinaridade entre a área ambiental, design e a ciência e tecnologia de materiais. Já o quarto artigo traz os resultados de uma pesquisa realizada sobre o perfil profissional dos egressos do curso de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade de Ubá.

Por fim, apresentamos um texto que debate questões relativas ao Direito Processual Civil e a mediação de conflitos em sua forma extrajudicial. São apresentadas análises a evolução histórica do processo de mediação, detalhando o papel de destaque do mediador.

Mesmo diante das dificuldades que a ciência atravessa nos tempos atuais, a **Revista Virtual Mediação** continua cumprindo seu papel de difusor do conhecimento científico.

**Priscila Paschoalino**

*Editora*

*Ubá, 20 de dezembro de 2021.*

# MEDIAÇÕES PERFORMÁTICAS PARA O CONHECIMENTO: O YOUTUBE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Vinícius Oliveira Silva<sup>1</sup>  
Lara Lima Satler<sup>2</sup>

**RESUMO:** Com o ineditismo da situação causada pela Covid-19 trazer informações sobre ciência para os ambientes da internet se tornou fundamental. Este trabalho, portanto, tem como objetivo investigar as práticas de comunicação dos YouTubers Rita Von Hunty e Atila Iamarino, para entender como suas ações proporcionam mediações que favorecem a aquisição de conhecimento em tempos de pandemia. Para a realização do estudo, optou-se pela pesquisa bibliográfica, amparada por uma etnografia da internet para estudos da mídia, com o intuito de usar a capacidade interpretativa do etnógrafo em detrimento de criar reflexões sobre a utilização do YouTube como prática de comunicação. Como resultado, o trabalho procura demonstrar que as mediações desses comunicadores no YouTube, se dão através de performances na cultura da mídia, em um ambiente livre para falar de ciência, política e humanidades, com vídeos criativos, transmissões ao vivo e conteúdos didáticos que fazem parte de uma linguagem presente no cotidiano midiático das pessoas. Assim espera-se que a mídia possa ser difusora de conhecimento científico no momento da pandemia, e que o YouTube possa ser visto como um canal para resistir a falta de informação e aos charlatanismos.

Palavras-chave: Mídia; Covid-19; Comunicação; Performances.

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais (PPGPC) na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG) - Goiânia, Goiás, Brasil, e possui também graduação em Artes Cênicas e atua como Técnico de Laboratório do Núcleo de Artes Cênicas, ambos na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) - Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil - v.i.nni@hotmail.com

<sup>2</sup> Pós-Doutora em Estudos Culturais, pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua nos Programas de Pós-Graduação em Performances Culturais (PPGPC) e em Comunicação (PPGCOM) e na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), todos na Universidade Federal de Goiás (UFG) - Goiânia, Goiás, Brasil - lara\_lima\_satler@ufg.br

## INTRODUÇÃO

O cenário social mudou com a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e a doença causada por ele (Covid-19), desta forma as pessoas tiveram uma necessidade maior de se comunicar remotamente, para se manterem seguras e diminuir a disseminação do vírus. Neste período, professores, alunos, artistas, autoridades, ou mesmo pessoas comuns, têm ampliado a busca por conexões e informações através de mídias sociais, webconferências, transmissões ao vivo e outras práticas de comunicação, podendo desta forma também, melhorar o nível de conhecimento sobre os avanços da ciência e formas de enfrentar a emergência de saúde pública. Com a necessidade de ficar em isolamento e continuar a se comunicar, as mediações realizadas por YouTubers<sup>1</sup> podem ser exemplos para a criação de um ambiente para aproximar as pessoas, bem como para a mediação de conhecimento, já que a internet também possibilita a troca de informações atualizadas sobre o momento de pandemia.

A partir das mediações, pode-se criar ambientes de comunicação conjunta que possibilitam juntar diferentes pessoas e informações, ao funcionar como um espaço que se estrutura baseado em certos tipos específicos de sociabilidade entre diferentes públicos, localidades e realidades socioculturais. Isso proporciona na internet, uma forma de se comunicar que parte para uma sociabilidade mais abrangente, quando comparada com a sociabilidade que se estabelece em ambientes formais<sup>2</sup> e fechados de aquisição de conhecimento. Neste caso, Martín-Barbero e Barcelos (2000) nos mostram que o conhecimento existente sobre as mediações, proporciona pensar a comunicação como um espaço de configuração de mudanças políticas, sociais e de comportamento mediante acesso às mídias, que também se tornam meios de aquisição de conhecimento.

As mediações inclusive funcionam como possibilidades de perceber práticas de comunicação como um processo, que está entre o contexto social e cultural, texto midiático e a produção para ambientes como a internet. Para Martín-Barbero (1997) este processo de comunicação não se separa das dinâmicas culturais e políticas que operam na sociedade, e não está baseado apenas

no funcionamento dos meios, mas nas relações que estão incorporadas na utilização das práticas de comunicação.

Por estas razões, percebe-se que de acordo com Lopes (2018) a perspectiva barberiana das mediações permite enxergar a internet e as novas tecnologias, como responsáveis pela mobilidade, pois quando o público elege suas figuras de sensibilidade, e estas se tornam populares, há um aumento de fluxos de conteúdos, que desestabilizam e causam crises nas configurações do saber e do conhecimento.

Além disso, Cunha e Scalei (2018) afirmam que a utilização das teorias das mediações de Martín-Barbero funciona como um instrumento de análise para a compreensão das formas de utilização dos meios pelas pessoas, pautada em ideias que permitem enfrentar o entendimento de que emissor e receptor estão em lados opostos, entre posições antagônicas de dominador e dominado. Neste sentido, utilizando a internet, existe a possibilidade dos indivíduos reivindicarem os espaços de representação, e se tornam curadores do próprio conteúdo, interferindo na programação das TVs, plataformas de streaming<sup>3</sup>, e outras mídias.

Ao identificar os processos de comunicação através de uma cartografia que vai do popular ao massivo, Cunha e Scalei (2018) dizem que a perspectiva barberiana oferece um contraponto para as ideias de autores frankfurtianos, funcionalistas e estruturalistas, pois aqui o fluxo do entendimento da informação pode transitar pela vida cotidiana, pelo trabalho e pela memória de cada sujeito que opera com a mídia. Desta forma, não existe passividade do espectador, porque a cultura é que será determinante para a compreensão de mensagens. A midiaticização, a tecnologia e os meios, mudam o ambiente de comunicação, e conseqüentemente as condições das performances.

As performances, por sua vez, são vistas como resultado do conjunto de fatores que interferem em processos de leitura na comunicação. Zumthor (2007) percebe que mesmo quando aperfeiçoadas pela tecnologia, atividades que envolvem decodificação de imagens e vozes no exercício da imaginação, podem ser identificadas como performances. E o audiovisual, como forma de escrita virtual, produzirá novas

<sup>1</sup> Nome dado àqueles que são produtores de conteúdo no YouTube.

<sup>2</sup> As famílias, os livros, e até mesmo a escola, são as formas mais tradicionais de buscar o conhecimento (MARTÍN-BARBERO, 1997).

<sup>3</sup> "A tecnologia de streaming ou fluxo de mídia é uma maneira de compartilhar informações ao vivo ou gravado do tipo áudio e vídeo através da world wide web utilizando diversos hosts como, por exemplo, computadores desktop, notebooks, smartphones, tablets etc." (GRIGÓRIO, 2013, p. 7.)

possibilidades de transmissão e percepção de performances diante da natureza que compõe as ações humanas.

Ao levar esses fatores em consideração, procura-se estabelecer diálogos na articulação da teoria barberiana para discutir formas de mediações de conteúdos criados por YouTubers independentes que têm utilizado recursos da mídia para comunicar, performar e conseqüentemente produzir conhecimento e reflexão sobre o período da pandemia da Covid-19 no Brasil. O YouTube<sup>4</sup> é um serviço de streaming popular, o qual pode ser acessado gratuitamente, e que tem se tornado um ambiente propício para troca de informações. Assim, o objetivo é investigar as práticas de comunicação de Rita Von Hunty<sup>5</sup> e Atila Iamarino<sup>6</sup>, para entender como suas performances proporcionam mediações, que incluem práticas de comunicação marcadas por sociabilidades, diálogo e oportunidades para aquisição de conhecimento sobre o período de pandemia da Covid-19.

## MÉTODO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Para desenvolver a pesquisa, utiliza-se o YouTube para observar as performances de dois YouTubers nesta mídia. E com o intuito de selecionar materiais, realiza-se uma pesquisa qualitativa exploratória (GIL, 2008), e uma etnografia da internet para estudos da mídia (HINE, 2016). Este processo gerou uma descrição reflexiva de alguns aspectos da produção audiovisual de Rita Von Hunty e Atila Iamarino.

A etnografia da internet serviu para criar um registro aprofundado das práticas de comunicação, “explorando não somente o que um texto específico significa, mas, qual o significado da mídia como um componente da vida cotidiana [...], uma vez que ela é socialmente, culturalmente e tecnologicamente permeada” (HINE, 2016, p. 12).

Em tempos de isolamento social, é possível utilizar a internet para vivenciar uma experiência sensorial em conjunto com aspectos lógicos essenciais na inserção do pesquisador participante em ambiente virtual, e assim agir distanciadamente para observação e coleta de dados, e ainda atuar

<sup>4</sup> YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/> Acesso em: 27 jun. 2020.

<sup>5</sup> HUNTY, Rita Von. *Tempero Drag*. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCZdJE8KpuFm6NRafHTEIC-g> Acesso em: 30 jun. 2020.

<sup>6</sup> IAMARINO, Atila. *Atila Iamarino*. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Atilamarino/featured> Acesso em: 01 ago. 2020.

com a possibilidade de se envolver com o objeto de estudo (HINE, 2016).

Com este processo de pesquisa podemos utilizar a capacidade interpretativa do etnógrafo para interagir com o objeto de estudo. Isso promove uma experiência da análise etnográfica da internet, em que é possível perceber, sentir, e refletir aquilo que a natureza das mediações de conteúdos pesquisados produzem. A descrição<sup>7</sup> dos resultados e das discussões está na sequência deste artigo, e foi realizada através de insights, que funcionam como uma forma de criar reflexões, que segundo Hine (2016, p. 23-24) se dão “em diálogo com os princípios estabelecidos do etnógrafo como uma forma de produção de conhecimento aprofundada, imersiva e criticamente engajada”.

Durante o desenvolvimento da etnografia da internet (HINE, 2016) os insights permitiram descrever as mediações como resultado de uma experiência interativa dos pesquisadores em consonância com artigos, teses e teorias analisadas na pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2005), fortalecendo a compreensão dos estudos da mídia, através da reflexão das experiências mediante exploração do conteúdo produzido por Rita Von Hunty e Atila Iamarino. Para fins didáticos, elaborase neste texto dois eixos fundamentais de discussão e resultados, o primeiro fala sobre mediações e performances na cultura da mídia e o segundo aborda a questão da produção de conhecimento. A partir disso, espera-se pesquisar algumas características fundamentais para entender como práticas de comunicação através de recursos midiáticos, podem ser uma alternativa para a produção de conteúdos independentes feitos no YouTube, que proporcionam maior sociabilidade, interatividade, informação e conhecimento via recursos midiáticos, propícios para tempos de pandemia.

## MEDIAÇÕES E PERFORMANCES NA CULTURA DA MÍDIA

A produção de conteúdos audiovisuais em ambientes digitais é mediada por performances, que por sua vez criam oportunidades de encontros de opiniões distintas, que funcionam

<sup>7</sup> Pode-se utilizar transcrição de falas dos vídeos, a critério de exemplificar a experiência dos YouTubers com suas próprias práticas de comunicação.

como pontes para interação e quebras de tabus e desinformação. Desta maneira, os recursos midiáticos podem ser aliados na diminuição das fronteiras impostas pelo distanciamento físico, modificando as relações sociais e concepção de mundo, que são fatores dos quais Gennep (2011) afirma serem positivos para a construção do indivíduo enquanto ser social.

As dinâmicas das mediações acontecem através de performances, que segundo Cohen (2002) é um processo que pode se efetuar também através da mídia, reaproveitando dos significados e informações transmitidas, para retransmiti-los através de outra ótica de observação. Essas performances são caracterizadas por uma estética híbrida, viabilizada pela tecnologia de forma visual e metafórica.

“A introdução dos meios auditivos e audiovisuais, do disco à televisão, modificou consideravelmente as condições da performance” (ZUMTHOR, 2007, p. 51-52). Desta forma, as mediações em plataformas como o YouTube, são atrativas para audiências acostumadas com as performances desta natureza na internet, que operam no ambiente da cultura da mídia.

*A expressão cultura da mídia também tem a vantagem de dizer que a nossa é uma cultura da mídia, que a mídia colonizou a cultura, que ela constitui o principal veículo de distribuição e disseminação da cultura, que os meios de comunicação de massa suplantaram os modos anteriores de cultura como livro, ou a palavra falada, que vivemos num mundo onde a mídia domina o lazer e a cultura. Ela é, portanto, a forma dominante e o lugar da cultura nas sociedades contemporâneas (KELLNER, 2001, p.54).*

A transmissão de conteúdo audiovisual no YouTube, inserido no contexto da cultura da mídia, é uma forma de mediar performances, em que se tem a oportunidade de interferir na ideia formal de aquisição de conhecimento e sugerir o contato com subjetividades, ao proporcionarem novas formas de interação.

Rita Von Hunty é uma artista que atua como educadora, que vêm se destacando nesses espaços de interação da cultura da mídia, fazendo do YouTube seu palco semanal de conteúdos didáticos sobre política, atualidades, e pautas identitárias. Ela é uma drag queen<sup>8</sup>, que possui

<sup>8</sup> Para Santos (2012) seria uma mulher construída no espelho de um ho-

formação em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), personificada por Guilherme Terreri Lima Pereira que atualmente cursa mestrado na USP em Estudos da Cultura. A Rita é uma persona adotada por um educador e performer, para falar de temas sociais espinhosos, devido à necessidade de construir uma ponte sensível, com força suficiente para melhorar os espaços de convivência entre os sujeitos e as diferenças. Em uma entrevista para Paiva (2020), ela diz que o Brasil encontra dificuldades no enfrentamento de discursos de ódio e intolerância, dos quais Rita Von Hunty tenta combater com argumentos e leveza.

O gosto por ensinar, fez com que a drag transformasse sua carreira da cena noturna em um sucesso visível na internet, deixando um pouco de lado as encenações em bares e boates para performar seu humor político no YouTube e também em cursos da Rita ao redor do país. Em um vídeo disponível no Canal TV Folha (HUNTY, 2019a, on-line), pode-se ver Rita Von Hunty no camarim fazendo sua maquiagem, e respondendo algumas perguntas do entrevistador sobre seu trabalho. Neste, percebe-se como ela começou a utilizar sua drag queen para performar especificamente na mídia, usando o ambiente para produzir conhecimento. Sobre isso ela diz:

*Paulo Freire, ele tinha uma frase que era assim ó: educar, ensinar, não é transferir conhecimento, mas é criar um ambiente, no qual o conhecimento possa ser produzido. Eu acho que o Paulo Freire nunca esteve tanto em voga quanto agora (HUNTY, 2019a, on-line).*

Com essa fala de Rita Von Hunty, percebe-se que devido aos conteúdos digitais estarem circulando entre os sujeitos, e em certa medida livres de censura, estes poderão proporcionar ambientes favoráveis para o aprendizado, já que Paulo Freire (1987, p. 13) também afirmou que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

O audiovisual como uma tecnologia de mediação no mundo, medeia a transmissão de conteúdos didáticos, diálogo entre as pessoas, bem como valores e estilo de vida em vários ambientes. Percebe-se que Rita Von Hunty busca mem, mas também um novo homem nos significantes representativos da mulher. É uma forma de expressão artística que permite exageros, extravagâncias e opulências que trazem à tona personificações femininas.

criar em seu canal, reflexões sobre acontecimentos da atualidade, como uma forma de pensar junto. Deste modo, ela se mostra comprometida com um processo de mediação que proporcione conhecimento para todos os envolvidos nele, porque para Freire (1983, p. 46) “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”.

O processo de educar e informar se estabelece de forma mútua entre o sujeito que produz o conteúdo, com aquele que sofrerá interferências do mesmo. Os conteúdos em ambientes digitais como o de Rita Von Hunty se dão também como práticas libertadoras do saber. Por possuir uma experiência prática como docente, ela consegue incorporar técnicas educativas para a sua performance como drag, e criar por meio de recursos midiáticos uma construção dialógica de conhecimento.

*Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1983, p. 15).*

As performances de Rita Von Hunty operam proporcionando diálogos entre os saberes e facilita a troca de informação através do espaço informal da cultura da mídia. Para Martín-Barbero (2018) isso também atinge outros espaços, coloca em crise os meios de aquisição de conhecimento na vida cotidiana, e provoca o desmantelamento das formas tradicionais de resistência e autoridade da escola à família, pois o seu status e o poder passam a ser questionados.

Para Martín-Barbero (1997) os velhos redutos da ideologia podem ser questionados nos ambientes de socialização, e entre os principais modelos que proporcionam formas de conhecimento estão os filmes, a televisão, e a publicidade, que sugerem e influenciam transformações ao provocarem inquietações morais mais profundas. Essa é a função mediadora dos meios de comunicação em massa, do rádio a televisão, ou da tecnologia que seja capaz de interferir nos processos de socialização que

colocam em crise determinados costumes do cotidiano das pessoas.

*Essa tecnologia desloca o conhecimento, modificando tanto o estatuto cognitivo quanto o institucional das condições de conhecimento, levando a uma forte indefinição das fronteiras entre razão e imaginação, conhecimento e informação, natureza e artifício, arte e ciência, conhecimento especializado e experiência profana. Assim, as transformações nas formas pelas quais o conhecimento circula constituem uma das mais profundas transformações que uma sociedade pode sofrer (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 29).*

Essa nova cultura de YouTubers, pessoas comuns que criam um canal na plataforma como Rita Von Hunty, não se dá somente devido aos dispositivos, mas pela oportunidade que os sujeitos enxergaram na tecnologia como uma forma de fazer o conhecimento circular, e desta forma “o mais valioso não é a força dos músculos, e sim o conhecimento e a capacidade de transmitir essas novas linguagens” (MARTÍN-BARBERO; BARCELOS, 2000, p. 158).

A sociabilidade recorre para a utilização de práticas de comunicação alinhadas com a transformação dos meios, e muitas das experiências utilizadas no período da pandemia, são uma ampliação e afirmação da linguagem que anteriormente já utilizavam YouTubers como Rita Von Hunty nos espaços da cultura da mídia. Essas práticas de comunicação podem incentivar leituras críticas, e as performances oriundas dessas manifestações são reflexos de uma sociedade cada vez mais midiaticizada. Além disso, estão sendo produzidas por ações que criam um ambiente positivo via internet, que vão ao encontro das convergências entre culturas. Segundo Camargo (2013), isso são as Performances Culturais em atrito com as transformações do mundo, em detrimento do que ele foi e do que pode se tornar.

De acordo com Peirano (2006, p. 14) “performances privilegiam o fazer e o agir, reforçam o contexto, admitem o imponderável e a mudança, veem a linguagem em ação, a sociedade em ato e prometem alcançar cosmovisões”. A experiência desse tipo performance na cultura da mídia como é no YouTube, pode servir como uma possibilidade de incorporar sociabilidades nas performances de pessoas comuns em tempos de pandemia, seja

na educação, no trabalho ou na manutenção das relações sociais, culturais e até políticas.

As produções de Rita Von Hunty são exemplos positivos para se pensar principalmente no uso da internet para construir conhecimento. Especificamente para o período de pandemia, os vídeos do seu canal saíram do estúdio, e voltaram a ser produzidos em casa, e nem por isso deixaram de ser conteúdos populares. Em um vídeo específico, ela reitera a importância do conhecimento mútuo entre os sujeitos em períodos de desalento e dificuldades, e diz:

*Sempre que eu preciso reavivar a humanidade que existe em mim [...] eu me apego na poesia, eu me apego na arte, nas pessoas que eu amo, e nos intelectuais que me inspiram. Eu espero que esse vídeo, como todos os outros do canal, ajude você a enxergar a realidade por uma nova perspectiva, mas acima de tudo te nutra com esperança, para que a gente possa transformar o mundo (HUNTY, 2020, on-line).*

Esses conteúdos mais voltadas para as humanidades em tempos de pandemia, acabaram se tornando uma demanda no canal Tempero Drag (HUNTY, 2015), e surgem como reflexões que são construídas no momento em que a emergência de saúde pública está acontecendo. No vídeo de título “Haverá arte depois do coronavírus” (HUNTY, 2020, on-line), pode-se ver a YouTuber propondo que se pense sobre como a sociedade enfrenta o momento, fazendo relações com a história, política, cultura e ciência, utilizando a sua performance de drag queen como prática criativa para comunicação, proporcionando inclusive experiências que priorizam o debate e o diálogo. Características muito diferentes de conteúdos que visam criar teorias conspiratórias e ansiedades, que contribuem para a desinformação das pessoas na internet, gerando consequências negativas até mesmo para a segurança da saúde individual e coletiva. É neste sentido, percebe-se que as performances de Rita Von Hunty, valorizam a comunicação, a arte e a internet como meios de sensibilização e produção de conhecimento, que podem auxiliar a passagem mais consciente do mundo de pandemia para o almejado mundo pós-pandemia.

## PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

A partir de uma publicação sobre a

comunicação no contexto das mediações culturais, na Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Martín-Barbero e Barcelos (2000) conversam sobre os modos de relação que as pessoas estabelecem com os meios, que tornam o ambiente de comunicação um lugar onde é possível estabelecer processos de sociabilidade influenciados pela cultura da mídia, bem como produzir conhecimento.

Neste sentido, percebe-se que em tempos de pandemia no Brasil, surgem tanto espaços positivos de comunicação na mídia para produzir conhecimento sobre medidas preventivas, atualização de pesquisas e dados epidemiológicos, quanto conteúdos de contexto negativo, incentivando inclusive a automedicação. No Paraná por exemplo, um jovem foi denunciado pelo conselho regional de medicina do Rio Grande do Sul por disseminar via YouTube receitas caseiras falsas que prometiam a cura da Covid-19 (G1 PR; RPC CURITIBA, 2020).

Em meio a isso, quando o cenário da pandemia começou a se projetar com mais intensidade no Brasil, o biólogo e pesquisador brasileiro Atila Iamarino ganhou destaque na mídia, por apresentar dados baseados nas pesquisas mais atuais sobre o coronavírus na internet. Ele que, segundo Alves (2020), é um pesquisador brasileiro, formado em microbiologia e doutor em virologia pela USP, que iniciou no YouTube como o canal Nerdologia (IAMARINO, 2011).

Em um vídeo anterior à pandemia, durante um TEDx Talks (IAMARINO, 2017, on-line), Iamarino já apresentava sua vontade de falar sobre ciência na internet, e que mesmo essa ferramenta sendo importante para a produção de conhecimento e acesso à informação, a forma como as pessoas foram pedagogicamente estimuladas interfere na maneira como elas se relacionam com os conteúdos disponíveis.

*Acesso a informação não é a mesma coisa que aprender. [...] Fakenews hoje não acontece por falta de informação, ela acontece por excesso, porque as pessoas não conseguem processar o que elas recebem e vão entender isso de outra forma (IAMARINO, 2017, on-line).*

Desta maneira, não adianta somente práticas pedagógicas utilizarem recursos tecnológicos na esperança de produzir outro tipo de conhecimento, para contemplar a real transformação dos meios, é fundamental que a

internet e o computador não sejam apenas uma forma de passar a limpo o trabalho dos estudantes, pois de nada adianta o computador se estes não estão aprendendo a ler criticamente com os livros (MARTÍN-BARBERO; BARCELOS, 2000).

Com isso, percebe-se que as oportunidades de ensino e aprendizagem ao longo da vida, interferem nos modos como cada sujeito irá se relacionar com as informações disponíveis na internet, que por sua vez podem ser positivas ou negativas. No conteúdo do canal Atila Iamarino (2019), percebe-se uma tendência de mostrar a fonte das referências utilizadas para a elaboração do conteúdo. Isso pode ser uma forma de estimular a continuação do conhecimento a partir de um processo de mediação positivo através da mídia.

Não é de hoje que a mídia tem papel fundamental na promoção de informações, inclusive relacionadas à saúde, atualizando o conhecimento sobre transmissão de novas doenças, prevenções, campanhas vacinais e tratamentos adequados disponíveis nos sistemas de saúde. Na Colômbia por exemplo, alguns meios de comunicação ajudaram a mudar costumes e modernizar aspectos culturais do país. Em um determinado período de extremo conservadorismo em relação a controle de natalidade, o rádio e a televisão foram importantes para romper com os estigmas implantados pelas igrejas sobre métodos contraceptivos. Com isso, foi possível desconstruir a ideia de que cada casal deveria ter quantos filhos Deus mandasse ao mundo, e assim ter um controle de natalidade que fosse compatível com a realidade social do país (MARTÍN-BARBERO; BARCELOS, 2000).

Com acesso às tecnologias da informação e comunicação, cada vez mais sujeitos vindos de excelentes oportunidades de formação acadêmica como Atila Iamarino, encontrarão a oportunidade de criar conteúdos em determinadas plataformas ou meios de comunicação, porém, o que vai fortalecer a mudança de certos comportamentos que são passados de geração a geração sem serem contestados, é a capacidade crítica que as pessoas adquirem para lidar com as informações que podem ser acessadas com os novos aparelhos.

*Hoje em dia não somente aparecem novos aparelhos - porque quando surge uma nova tecnologia como o computador, internet, vídeo-games, satélite, tudo que está aparecendo - não são só aparelhos, são novas linguagens, novas*

*formas de perceber, novas sensibilidades, novas formas de perceber o espaço, o tempo, a proximidade, as distâncias (MARTÍN-BARBERO; BARCELOS, 2000, p. 157-158).*

Em tempos da necessidade do distanciamento por conta da pandemia, a busca por conhecimento e formas de enfrentar o momento poderão ser efetuadas através de novos recursos e ferramentas disponíveis nas plataformas de comunicação. No canal Atila Iamarino (2019) é bastante utilizado as transmissões ao vivo<sup>9</sup>, com conteúdos atualizados sobre a pandemia da Covid-19, que proporcionam oportunidades rápidas do espectador se conectar com informações baseadas em evidências, ampliando os níveis de produção de conhecimento e sensibilidades, que são importantes para que indivíduos saibam lidar com notícias falsas, bem como diminuir a expectativa em curas milagrosas e reconhecer charlatanismos.

Para Maio (2016) os estudos das mediações recentes fazem uma inter-relação entre os conceitos de mediação e midiatização, porque a tecnologia também é decorrente da sociabilidade entre os indivíduos que acessam com mais facilidade os recursos midiáticos. Desta forma, percebe-se que os processos de reestruturação social são incentivados pelo contato com a tecnologia e os relacionamentos sociais podem ser conduzidos pela mídia.

As transmissões ao vivo são recursos oriundos de uma sociabilidade cada vez midiatizada e que se popularizaram ainda mais no período de pandemia. Iamarino além de utilizar este recurso em seu canal, ampliou seu espaço de debate se tornando uma referência em outros meios de comunicação quando o assunto é a Covid-19. Muitos temas podem ser difíceis de serem tratados, mas debatê-los na linguagem do momento é uma oportunidade para conversar sobre ciência de forma descomplicada para o público geral.

A midiatização na linguagem de comunicação, favorece através da mídia, a criação de um espaço mais próximo do cotidiano das pessoas para o diálogo de assuntos difíceis de serem abordados em outros meios, sejam eles formais ou informais para aquisição de conhecimento. “Embora os sistemas tecnológicos e as formas de interação sejam moldados pela midiatização, os

<sup>9</sup> São popularizadas como lives, que é uma forma de transmissão, também disponível para o YouTube. Atualmente qualquer pessoa com um dispositivo com internet pode ter acesso à aplicativos de transmissão ao vivo, sendo uma oportunidade de retratar seu cotidiano também de forma simultânea. Após o fim da exibição, o conteúdo fica disponível para quem porventura procure acessar posteriormente.

processos comunicacionais que permitem construir a realidade ainda são organizados e definidos pela sociedade” (MAIO, 2016, p. 13).

E quando se tratam de performances realizadas por audiovisual no YouTube (com transmissão ao vivo ou gravada), fazendo diálogo com Maio (2016), percebe-se que as vivências sociais aparecem mais conectadas nesses fenômenos de midiática, e as variações se dão de acordo com o acesso à tecnologia, bem como cada cultura e sua realidade sociocultural.

Em uma participação no programa Roda Viva (SERVA, 1986), Atila Iamarino fala sobre processos de midiática no período da pandemia, e que após o fim deste momento ele espera que as pessoas consigam valorizar mais a mídia e a ciência, pois neste período de dificuldades, é através de recursos remotos e midiáticos que muitas atividades puderam ser mantidas e as informações compartilhadas.

*Eu espero que a gente renove a confiança na ciência e na mídia, que é uma coisa que estava sendo jogada fora, e dada como garantida por muito tempo. E agora a gente está descobrindo a real importância disso (IAMARINO, 2020, on-line).*

A mídia teve papel fundamental após a iminência da pandemia, e para isso é necessário entender o valor das mediações, que segundo Marchesi, Souza e Redko (2000) trazem a tona para os ambientes de comunicação em massa, certo tipo de conhecimento que profissionais qualificados adquirem em outros ambientes de aquisição de informação. A mídia muda formas de sentido e cognição, e alcança os territórios em fluxos livres de informação, dando a oportunidade para os sujeitos de resistirem ao pensamento alienante, que em um momento com este, dificulta o trabalho de cientistas, equipes de saúde pública, gestores e comunicadores, que precisam ainda lidar com informações falsas e resistência às medidas sanitárias.

Assim, as transformações em relação aos meios, envolvem a capacidade principalmente de se sensibilizar, e com isso gerar uma rede de compartilhamento que envolva novas pessoas e diferentes realidades socioculturais no que se produz enquanto conteúdo de informação. Possibilitando especificamente para o período de pandemia, canais como o do Atila Iamarino,

que proporcionam assuntos educativos sobre a Covid-19, criados para serem adequados ao entendimento do público geral. Em seu canal o comunicador consegue trazer ciência baseada em evidências, em consonância com o que se produz nas revistas científicas, universidades, laboratórios, ou de qualquer outro ambiente formal de aquisição de conhecimento. Características estas, que são importantes para fortalecer o combate de informações falsas, que além de serem empecilhos para os processos de transformação culturais e sociais, em um período como este pode gerar consequências graves para a saúde das pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações geradas por mediações em tempos de pandemia evidenciam performances como as de Rita Von Hunty e Atila Iamarino, que são práticas positivas para se comunicar e produzir conhecimento mútuo, das quais não só levam em consideração o funcionamento do ambiente digital e midiático, mas também as demandas sociais midiáticas da contemporaneidade.

A plataforma do YouTube está na mídia como uma ferramenta on-line capaz de influenciar não apenas a possibilidade de pessoas comuns criarem seus próprios conteúdos e se conectarem umas com as outras, mas também da vida cotidiana estar mais midiática. Há atualmente um fluxo maior de imagens, e uma tendência emergente de pessoas como Rita e Atila que fazem de suas casas os seus próprios estúdios de gravação e transmissão.

Em um tempo que muito se questiona o papel e o valor da ciência para a sociedade, se cada vez mais pesquisadores, professores e especialistas elaborassem transmissões ao vivo, podcasts<sup>10</sup>, vídeos em redes sociais, e outras práticas de comunicação que estão sendo utilizadas no período da pandemia, o conhecimento especializado pode se aproximar cada vez mais da comunidade. Assim a mídia e a ciência podem revigorar o seu valor em um período também marcado por alta incidência de notícias falsas e conteúdos negativos.

A pandemia da Covid-19 colocou em crise as relações pessoais, espaços de mediação, práticas de educação e sociabilidades. E diante do que foi discutido sobre as performances de Rita Von Hunty e Atila Iamarino, é possível utilizar práticas de comunicação com o intuito de criar

<sup>10</sup> São conteúdos de áudio gravado, que ficam disponíveis em plataformas digitais para as pessoas ouvirem quando quiserem.

diálogo e estratégias positivas de comunicação sobre ciências biológicas, saúde e humanidades, para que cada vez mais as pessoas possam se informar em um contexto da mídia, e assim resistir à notícias falsas, teorias conspiratórias e as dificuldades emocionais do momento. Sobretudo agora, deve-se perceber com mais atenção, assim como faz Rita Von Hunty, aquilo que as humanidades, a filosofia, sociologia, história e as artes têm a nos dizer, porque são tão importantes para a produção de conhecimento e o enfrentamento do tempo de pandemia quanto os estudos de virologia e imunologia abordados nas transmissões ao vivo de Atila Iamarino.

No entanto, mesmo com tecnologia, avanço das mídias nos processos de informação, comunicação e educação, não se sabe ainda quanto tempo levará para o fim da pandemia da Covid-19, então será necessário mais conteúdos, mais informações, mais evidências científicas para sensibilizar a população e os governantes sobre a urgência do momento, ou apenas esperar a imunização da população? Atila Iamarino e Rita Von Hunty são apenas alguns exemplos de aliados em diferentes áreas de conhecimento, que criam oportunidades de produzir conhecimento através da mídia, porém não serão eles que vão conseguir resolver o problema maior da desinformação. A conscientização depende da capacidade de cada sujeito de se relacionar com uma informação, e saber lidar com ela para o bem maior, que é o bem coletivo, a segurança de todos e a saúde pública funcionando, sem colapsos, resguardando o direito de livre acesso à informação, melhorando o acesso digital e assegurando sempre a todos uma educação pública de qualidade para formar cidadãos que consigam distinguir as informações mediatizadas pelo mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Maíra. Atila Iamarino e a projeção de 1 milhão de mortos da covid no país; entenda. Correio Braziliense. Brasília, 14 jul. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/07/14/interna-brasil,872144/atila-iamarino-e-a-projecao-de-1-milhao-de-mortos-da-covid-no-pais-en.shtml> Acesso em: 27 jul. 2020.
- CAMARGO, Robson Camargo. Milton Singer e as Performances Culturais: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. Karpa, California State University, n. 6, 01-27 p, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/319677960\\_Milton\\_Singer\\_e\\_as\\_Performances\\_Culturais\\_Um\\_conceito\\_interdisciplinar\\_e\\_uma\\_metodologia\\_de\\_analise](https://www.researchgate.net/publication/319677960_Milton_Singer_e_as_Performances_Culturais_Um_conceito_interdisciplinar_e_uma_metodologia_de_analise) KARPA Acesso em 05 nov. 2019.
- CUNHA, Mágda Rodrigues da; SCALEI, Vanessa. O valor das novas mediações no contexto da personalização do consumo televisivo. Conexão – Comunicação e Cultura, v. 17, p.27-45, 2018. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/download/6574/3661> Acesso em 09 mai. 2020.
- FLUSSER, Vilém. O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac & Naif, 2007.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- G1 PR; RPC CURITIBA. Youtuber é indiciado por divulgar notícias falsas e receitas caseiras com promessa de proteção contra o coronavírus, diz polícia. G1 PR. Curitiba, 14 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2020/04/14/youtuber-e-indiciado-por-divulgar-noticias-falsas-e-receitas-caseiras-com-promessa-de-protexao-contra-o-coronavirus-diz-policia.ghtml> Acesso em: 27 jul. 2020.

- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.
- GRIGÓRIO, Éder Saraiva. Streaming de conteúdo multimídia. 2013. 28 f. Monografia (Sistemas de Multimídia). Instituto de ciências exatas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.
- HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno. BARROS, Carla (Org). Etnografia & consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: e-papers, 2016. p. 11-27.
- HUNTY, Rita Von. Tempero Drag. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCZdJE8KpuFm6NRafHTEIC-g> Acesso em: 30 jun. 2020.
- HUNTY, Rita Von. TV Folha. Rita Von Hunty: a drag queen que fala de política. 2019a. Disponível em: <https://youtu.be/5X0nJsMOxn4> Acesso em: 30 jun. 2020.
- HUNTY, Rita Von. Haverá arte depois do coronavírus?. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/kUP1Qv8w4V4> Acesso em: 29 jul. 2020.
- IAMARINO, Atila. Nerdologia. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/nerdologia/featured> Acesso em: 01 ago. 2020.
- IAMARINO, Atila. Tedx Talks. Educação para o Futuro. 2017. Disponível em: [https://youtu.be/B\\_x8EccxJjU](https://youtu.be/B_x8EccxJjU) Acesso em: 01 ago. 2020.
- IAMARINO, Atila. Atila Iamarino. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/AtilaIamarino/featured> Acesso em: 01 ago. 2020.
- IAMARINO, Atila. Roda Viva. Atila Iamarino 30/03/2020. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/s00BzYazxvU> Acesso em: 03 ago. 2020.
- KELLNER, Douglas. A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. Matrizes, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-63, jan./abr. 2018.
- MAIO, Ana Maria Dantas. Teoria das mediações sociais: refinamento ou obsolescência? E-Compós, Brasília, v.19, n.3, p. 1-20, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1267/911> Acesso em: 04 ago. 2020.
- MARCHESI, Mariana de Toledo. SOUZA, Livia Silva de. REDKO, Beatriz. Mídias, mediações, mediascapes: comunicação nas dinâmicas globais da cultura. Parágrafo, São Paulo, v. 2, n.1, p. 67-81, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/200/256> Acesso em: 04 ago. 2020.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: 3 introduções. Matrizes, São Paulo, v. 12, n.1, p. 9-31, jan./abr. 2018.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. BARCELOS, Claudia. Comunicação e mediações culturais [Entrevista]. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 151-163, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/2010/1788> Acesso em: 18 abr. 2020.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. 356 p.
- PAIVA, Letícia. Conheça Rita von Hunty, a drag queen que ensina sociologia no YouTube. Claudia, São Paulo, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/conheca-rita-von-hunty-a-drag-queen-que-ensina-sociologia-no-youtube/#respond> Acesso em: 16 abr. 2020.
- PEIRANO, Mariza. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e performance. Campos, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 9-16. 2006.
- RODA Viva [Programa de TV]. Direção: Leão Serva. São Paulo: TV Cultura. 1986.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. *Femininos de Montar – uma etnografia sobre experiências de gênero entre drag queens*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Natal, RN: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

STUMPF, Ida Regina. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J; BARROS, A (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

# PROTAGONISMO E INTERDISCIPLINARIDADE NAS AULAS DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA

Marianne Matos Magalhães <sup>1</sup>  
Marineuza Souza dos Santos <sup>2</sup>  
Flávia Vieira da Silva do Amparo <sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo se insere na temática de ensino de Inglês como língua adicional e uso estratégias interdisciplinares e foi construído com base em uma pesquisa feita com alunos do Ensino Médio da rede pública acerca das aulas de leitura em Língua Inglesa. Ele tem como objetivo incentivar um trabalho com textos em Inglês que agreguem uma discussão interdisciplinar entre os saberes. Para tal, recorreremos à sondagem do perfil leitor de alunos do Ensino Médio da rede pública fluminense por meio de um questionário disponibilizado na plataforma Google Forms. A coleta e análise dos dados foi feita de forma quanti-quali com abordagem descritiva e buscamos, com o resultado obtido, fomentar uma discussão sobre a importância do uso de metodologias que promovam o protagonismo discente durante as aulas. De igual modo, buscaremos neste artigo fortalecer a defesa de um olhar interdisciplinar como forma de substanciar o aprendizado e a motivação do aluno. Respalda-mo-nos em Rojo (2004) e Morais (1997) acerca dos hábitos de leitura, Ellis (2012), Richards; Rodgers (1986) e Souza (2005) acerca dos métodos de ensino em Língua Inglesa, Fazenda (1998, 2007) e Morin (2007, 2014) no que concerne à interdisciplinaridade e Andrade e Souza (2016) e Bacich (2018) sobre a metodologia ativa da Rotação por Estações.

**Palavras-chave:** Leitura; Língua Inglesa; Ensino Médio; Formação do Leitor; Interdisciplinaridade.

<sup>1</sup> Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal Fluminense (UFF) Niterói- RJ, Mestranda do Curso de Mestrado Profissional de Práticas de Educação Básica, Colégio Pedro II - RJ e docente da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro e da Fundação Municipal de Educação de Niterói -RJ – marimatos30@gmail.com

<sup>2</sup> Licenciada em Letras (Português/Literaturas/Inglês) pela Universidade Estácio de Sá- RJ, especialista em Ensino de Leitura e Produção Textual pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e em Ensino de Língua Inglesa e Uso de Novas Tecnologias pela Universidade Estácio de Sá - RJ, mestranda do Curso de Mestrado Profissional de Práticas de Educação Básica, Colégio Pedro II – RJ professora regente da SEEDUC-RJ – maridsantos4@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), docente do Curso de Mestrado Profissional de Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II (RJ) e docente associada de Literatura Brasileira da Universidade Federal Fluminense (UFF) Niterói-RJ – flaviaa@id.uff.br

## INTRODUÇÃO

Como professoras de Língua Inglesa (LI) atuantes na rede pública de educação, conhecemos os percalços que concernem aos hábitos de leitura dos estudantes do Ensino Médio. É notório que a maioria dos jovens não tem o costume de ler, principalmente por não terem recebido incentivo desde a infância em seus lares ou por não estarem em contato próximo com pessoas que cultivassem o hábito da leitura aprazível. Sabemos que uma figura leitora inspiradora é de grande importância tanto para a alfabetização em si quanto para a formação do leitor. A respeito disso, Ellis (1998) pontua o quão significativo é proporcionar às crianças a experiência de aprender a ler através do processo ativo da leitura, isto é, propiciando oportunidades de prática de leitura, de contato com livros e com textos dos mais variados tipos. Dessa forma, são abundantes os benefícios que o adolescente que chega ao Ensino Médio pode usufruir se ele apresenta uma bagagem leitora desde a mais tenra idade.

Partindo da ideia que assombra os professores de LI de que os alunos não gostam de ler e são completamente avessos a textos - não apenas em Português, mas também em Inglês -, é que decidimos mapear em nossos alunos de Ensino Médio a relação que eles estabelecem com a leitura, mais especificamente com textos na língua alvo em questão, além de sondar o quão importante é trabalhar com assuntos interdisciplinares nas aulas que lancem mão de atividades com textos. Uma vez que a proposta maior do ensino básico público é trazer a língua estrangeira de forma instrumental, ante os óbices estruturais que assolam a rede, faz-se necessário verificar como os alunos recebem os textos em LI e o quanto as aulas podem ser proveitosas para eles. Assim, criamos um questionário com perguntas abertas e fechadas usando a plataforma Google Forms como ferramenta de coleta de dados para esta pesquisa, de forma a analisar o perfil leitor desses alunos. Julgamos relevante conhecer o retrato de leitura que temos em nossas salas de aula para então conseguirmos estabelecer estratégias de ensino-aprendizagem e promovermos intervenções eficazes, tendo como objetivo o aprendizado e o progresso discente. Muito embora ele tenha sido feito com nossos alunos, que se encontram geograficamente no estado do Rio de Janeiro, compartilhamos do

pensamento de que a discussão presente neste artigo poderá trazer benesses a outros tantos professores de diferentes locais do país.

A feitura deste trabalho é fruto do projeto final da disciplina Literatura e Outras Linguagens na Educação Básica do Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica, do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, e se respalda no cenário que, hodiernamente, evidencia a importância da competência leitora de textos em LI, habilidade que se tornou crucial tanto na vida cotidiana quanto no aspecto profissional. A globalização nos trouxe o contato com a LI de forma expressiva, tornando-se quase que obrigatório ter minimamente uma noção da língua.

No que concerne à justificativa profissional, consideramos importante refletir a respeito da nossa prática docente com o objetivo de tornar nossas aulas mais significativas e voltadas para a realidade dos alunos, tendo como objetivo maior o progresso discente. Acerca disso, Freire (1996) sustenta que o docente precisa estar ancorado numa reflexão tanto pretérita quanto atual de sua prática, buscando repensar acerca de erros e acertos para que a educação do futuro esteja cada vez mais em consonância com a realidade e com as necessidades do aluno.

Assim sendo, a reflexão sobre a prática docente pode trazer benefícios tanto no aspecto profissional quanto no aspecto social, reproduzidos nos alunos - que poderão desfrutar de uma prática de ensino que lhes possibilite a prática da liberdade e um aprendizado significativo - dialogando com suas demandas diárias e seu contexto situacional. A contribuição acadêmica deste artigo se ancora na possibilidade de fomento a uma discussão acerca de como o uso de textos com temática interdisciplinar nas aulas de LI pode se mostrar como uma estratégia consistente e eficaz na formação tanto leitora quanto cidadã do discente.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Há tempos os métodos e abordagens de ensino de Língua Inglesa são assuntos recorrentes entre os docentes que lecionam o idioma. Richards e Rodgers (1986) relatam que, no começo do século XX, o ensino de línguas estava emergindo como uma área ativa de debate educacional e de inovação. Embora tal ensino tenha uma longa história, os fundamentos das abordagens contemporâneas foram desenvolvidos durante o

início do século passado à medida que a linguística aplicada e outras ciências procuravam desenvolver princípios e procedimentos para os modelos e os materiais de métodos de ensino, atraídas pelo desenvolvimento nos campos da Linguística e da Psicologia. Isso levou a uma sucessão de indagações a respeito do que seria mais eficaz de ser ensinado, e, teoricamente, passaram a refletir sobre a importância de constituir métodos de ensino de línguas mais eficazes. Dessa forma, os métodos de ensino de LI que conhecemos hoje surgiram há aproximadamente um século, conforme a Linguística e a Psicologia foram se desenvolvendo, levando à reflexão sobre o que efetivamente deveria ser inserido no ensino formal. Houve mudanças ao longo do tempo no que tange a tais métodos e, sobre isso, os autores afirmam que:

*Esforços para melhorar a eficácia do ensino de línguas têm focado com frequência nas mudanças dos métodos de ensino. Ao longo da história tais mudanças têm refletido modificações nos objetivos do ensino de línguas (...); também refletiram mudanças nas teorias da natureza e do aprendizado das línguas (RICHARDS; RODGERS, 1986, p. 3).*

Na rede pública de ensino, nosso campo de atuação no momento, presenciamos muitas divergências a respeito de qual método utilizar. Devido a problemas estruturais e superlotação das salas, alguns professores acabam optando pela leitura, tradução e interpretação de textos, em vez de utilizarem um método que priorize o desenvolvimento de habilidades orais e auditivas. Embora seja tratado como um método pobre de estímulos, as aulas de leitura e compreensão de textos possibilitariam o fomento de variadas habilidades.

Acerca disso, Rojo (2004) sustenta que a prática de leitura, em incontáveis situações, vai exigir combinações de capacidades em diferentes ordens e níveis. A autora cita, principalmente, duas grandes capacidades trabalhadas no momento da leitura, que se desdobram em outras: primeiramente, a macro capacidade de decodificação, que inclui a capacidade de compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas; a capacidade de conhecer o alfabeto, de saber decodificar palavras e textos escritos e de ler, reconhecendo globalmente as palavras; também a macro capacidade

de compreensão, que inclui a capacidade da cosmovisão, a capacidade de antecipação ou predição de conteúdos, ou propriedade dos textos, a capacidade de reconhecer as finalidades do texto e seus conteúdos verbais e não-verbais, e a capacidade de levantamento de hipóteses. Além disso, a autora arremata a questão, mencionando que o leitor desenvolve, com a prática de leitura, capacidades de apreciação e réplica, que incluem a interpretação e a interação do leitor em relação ao texto e àquilo que o rodeia.

De forma a estabelecer um diálogo com esse pensamento, trazemos a ideia de que, para que as diversas habilidades sejam estimuladas e fortalecidas, faz-se necessário que o aprendiz se sinta em um ambiente acolhedor e motivador. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (PCN-LE) (1998) é fundamental que desde o início da aprendizagem de língua estrangeira o professor desenvolva com os alunos um trabalho que lhes possibilite confiar na própria capacidade de aprender em torno de temas de interesse e a interagir de forma cooperativa com os colegas.

Outro documento norteador, a BNCC (BRASIL, 2017) traz em seu bojo que as aulas de LI podem ser uma relevante oportunidade de aprofundamento da cosmovisão, ampliando a capacidade discente de reflexão, de argumentação e de desenvolvimento da opinião, além da exposição de novas ideias e valores.

Nota-se, assim, a relevância de se considerar o conhecimento prévio que os alunos apresentam ao chegar à aula de LI, uma vez que já possuem informações tanto da língua materna (LM) que influenciará seu contato com o texto em LI, quanto da própria LI num contexto informal de aprendizado. Em nossa pesquisa procuramos, além de considerar o conhecimento prévio, obter dados não apenas da familiaridade e da intensidade de interação que eles possuem com textos em LI, mas também sobre o que eles costumam ler na LM, visando sondar as temáticas que mais lhes interessam. Assim, uma vez conhecendo melhor o perfil de interesse dos alunos, seria possível incorporar conteúdos das mais diversas disciplinas nas aulas de LI, estabelecendo, assim, um contato interdisciplinar entre os saberes.

A respeito da interdisciplinaridade, nos amparamos em Fazenda (1998), que sustenta que o primeiro passo para a aquisição conceitual interdisciplinar seria o abandono das posições acadêmicas prepotentes, unidirecionais e não

rigorosas, que fatalmente são restritivas, primitivas e “tacanhas”, e impedem novas aberturas; seriam camisas-de-força que acabam por restringir novos olhares, taxando-os de menores e menos importantes. Isto é, lançar mão de conteúdos que seriam de certo modo tarefa de um docente de outra disciplina demanda do professor de LI além de um preparo temático prévio, a maleabilidade de ver os saberes como partes constitutivas de um todo único, sem hierarquia de importância.

Escorramo-nos, outrossim, na Teoria da Complexidade, por meio de Edgar Morin, que nos contempla com valiosas reflexões sobre a necessidade de desconstruir a ideia de saberes fragmentados e promover uma reformulação no pensamento educacional. O autor nos traz que o saber fragmentado nos leva rumo à perda de nossas aptidões naturais para integrar e contextualizar o conhecimento (MORIN, 2014). A defesa pelo entrelace colaborativo das disciplinas é evidente na Teoria da Complexidade, que sustenta que a interdisciplinaridade proporcionaria “a troca, a cooperação e a policompetência” (MORIN, 2007 p.45). A cargo de definição, Morin compara a interdisciplinaridade a uma conferência da ONU, em que cada um dos membros defende os próprios direitos e poderes, mas que é possível, apesar disso, o oferecimento de ajuda e o diálogo, sem que se fuja muito dos próprios interesses (MORIN, 2007). Assim sendo, uma prática interdisciplinar, sob a ótica moriniana, precisaria dialogar com os demais saberes sem perder sua essência natural de disciplina, prosseguindo, então, com o cumprimento do currículo proposto para cada uma delas.

Ante o exposto e tendo em vista uma prática interdisciplinar, sem o olhar fragmentador, se torna necessário um exercício mais focado no comprometimento com o discente e com suas demandas e interesses. Acerca disso, Fazenda ainda declara que:

*O que caracteriza a atitude interdisciplinar é a ousadia da busca, da pesquisa, é a transformação da insegurança num exercício do pensar, num construir. A solidão dessa insegurança individual que vinca o pensar interdisciplinar pode transmutar-se na troca, no diálogo, no aceitar o pensamento do outro (FAZENDA, 2007, p. 18).*

Ainda de acordo com a autora (2007), o ensino interdisciplinar nasce da proposição de novos objetivos, de novos métodos e de

uma nova pedagogia cuja tônica primaz seria a supressão do monólogo e a instauração de uma prática dialógica. Para tanto, delineia-se de modo oportuno a eliminação das barreiras entre as disciplinas e entre as pessoas que pretendem desenvolvê-las, e isso se viabilizaria caso alguns óbices fossem superados. A autora cita que é necessário transpor os obstáculos epistemológicos e institucionais, pois a interdisciplinaridade só se torna possível quando se respeita a verdade e a relatividade de cada disciplina, tendo-se em vista um conhecer melhor, o que dialoga com a ideia moriniana do todo-parte.

Fazenda (2007) prossegue, ainda, tratando dos obstáculos psicossociológicos e culturais que, segundo ela, o desconhecimento do real significado do projeto interdisciplinar, a falta de formação específica, a acomodação à situação estabelecida, além do medo de perder prestígio pessoal impedem a montagem de uma equipe especializada que busque uma linguagem em comum. Ela também cita os obstáculos metodológicos que impediriam a instauração de uma metodologia interdisciplinar, bem como a tendência à adoção de uma postura única e a necessidade do exercício de uma reflexão conjunta partilhada por todos os elementos implicados na ação. Por último, ela fala dos obstáculos ligados à formação, pois, na interdisciplinaridade, passa-se de uma relação pedagógica baseada na transmissão do saber de uma disciplina a uma relação dialógica em que a atitude primordial se baseia na construção do conhecimento, sendo necessário que ao lado de uma formação teórica se estabeleça um treino constante no trabalho interdisciplinar.

Sendo assim, a prática interdisciplinar demandaria o empenho tanto dos docentes quanto dos outros membros da comunidade escolar no que tange à transposição das barreiras criadas pela falta de compreensão e de perspectivas entre seus membros. Sem dúvida, a ausência de conhecimento do verdadeiro significado da interdisciplinaridade, por conta das lacunas na formação dos professores e a insegurança de alguns profissionais em relação às mudanças quanto à forma de trabalhar os conteúdos escolares se apresentam como obstáculos para que a relação dialógica, que é preconizada no fazer interdisciplinar, se estabeleça para que tal prática ocorra.

Isso posto, para corroborar com enriquecimento das aulas de leitura em LI,

levantamos como estratégia a inserção da leitura e da compreensão de textos sobre temas diversificados, além da inserção de metodologias que estimulem o protagonismo e a interação do corpo discente na ação pedagógica. Mais que uma prática interdisciplinar, faz-se mister que o aluno protagonize seu conhecimento, que se sinta parte integrante e essencial do seu aprendizado.

A cargo de exemplo como forma de trabalhar a atuação discente nas aulas de leitura trazemos a rotação por estações, que é uma metodologia ativa e consiste na organização da sala em um número determinado de pontos (estações), sendo cada estação composta por um grupo de alunos que se modifica a todo instante. Assim, a cada sinalização do professor, agente mediador desse processo, um dos alunos - de acordo com uma caracterização que poderá ser número, cor, letra, etc - terá que sair de uma estação e passar para a seguinte. O objetivo maior da rotação por estações consiste no aprendizado compartilhado, na negociação e na interação. De igual modo, as competências individuais também são postas em prática nesta modalidade, a citar como exemplo a capacidade de organizar ideias diferentes sobre um mesmo assunto. No que concerne à rotação por estações, Bacich nos contempla que:

*[...] os estudantes são organizados em grupos e cada um desses grupos realiza uma tarefa de acordo com os objetivos do professor para a aula em questão. O planejamento desse tipo de atividade não é sequencial e as atividades realizadas nos grupos são, de certa forma, independentes, mas funcionam de forma integrada para que, ao final da aula, todos tenham tido a oportunidade de ter acesso aos mesmos conteúdos (BACICH, 2016, p. 682).*

Barion e Meli (2017) declaram que “a rotação ocorre entre a prática supervisionada presencial pelo professor (ou trabalhos) na escola e a residência ou outra localidade fora do espaço escolar para lições online e o estudo prévio do conteúdo”. Como se vê, essa metodologia se enquadra também no ensino não presencial e pode vir a ter um caráter indisciplinar devido à variedade de textos que podem ser trabalhados, conforme exposto no parágrafo anterior.

É fundamental, portanto, que os professores pensem em práticas que permitam tanto o protagonismo discente, por meio de metodologias e ações que favoreçam a autonomia, a atitude e a

autoria do próprio conhecimento, além de pensarem em abordagens mais integrais, que não se restrinjam a uma forma de conhecimento estanque, de uma seara restrita a um campo específico do saber. O diálogo e a troca de experiências possibilitariam um enriquecimento tanto do aprendizado discente quanto do docente, sustentando a afirmação de Freire (2007) que aquele que ensina e que aprende protagonizam uma troca: se aprende ao ensinar; se ensina ao aprender.

## MÉTODO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

O presente artigo é fruto de pesquisa bibliográfica exploratória, tendo como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema abordado, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses que possam esclarecê-lo melhor. (GIL, 2002, p.27). Trata-se de um estudo exploratório, de viés quantitativo-qualitativo, por meio da coleta de dados concernente à relação que os alunos de Ensino Médio da rede pública de ensino do Rio de Janeiro estabelecem com textos em inglês e atinentes aos assuntos de interesse presentes em sua bagagem de leitura. O questionário, instrumento desta pesquisa, foi disponibilizado por meio da plataforma Google forms e divulgado para uma amostra de alunos matriculados no Ensino Médio na rede pública fluminense. Ele contou com o total de 18 perguntas, abertas e fechadas, e foi respondido por 30 alunos. O intuito das perguntas era, além de mapear o perfil leitor dos alunos, identificar suas estratégias e sua familiaridade com textos em LI, bem como conhecer o perfil de interesse deles, de forma a pensar na elaboração de atividades de leitura que trouxessem uma abordagem interdisciplinar e um interesse afinado às expectativas dos envolvidos nesse processo.

É válido destacar que, embora o público-alvo desta pesquisa tenha sido alunos do estado do Rio de Janeiro, acreditamos que os resultados advindos possam colaborar com a discussão acerca da realidade educacional de outros Estados do Brasil.

## RESULTADOS DA PESQUISA

O questionário usado para a coleta de dados da presente pesquisa contou com o total de 18 perguntas (abertas e fechadas) e foi respondido por 30 alunos, todos matriculados

no Ensino Médio da rede pública fluminense. De forma a conhecer o perfil dos entrevistados, perguntamos, inicialmente, sobre a idade dos participantes. A maioria tinha entre 15 e 18 anos, o que é compatível com as séries em que o questionário foi aplicado (Ensino Médio). Prossequindo de forma a conhecer melhor o perfil de leitura dos alunos que se propuseram a responder a pesquisa, foi perguntado se eles gostavam de ler. Foi utilizada a escala Likert para analisar os resultados. Percebemos que quase 40% dos estudantes (36,7%) responderam gostar de ler, mas de forma mediana, enquanto 26,7% responderam que gostavam demasiadamente de ler. Este resultado de certa forma contradiz a ideia de que jovens desta idade têm aversão à leitura ou pouco se interessam por esta prática, visto que apenas 3,3% disseram não gostar nem um pouco de ler. A pergunta subsequente buscou saber o que os entrevistados costumavam ler e permitia mais de um item a ser assinalado. Grande parte dos alunos entrevistados disseram ler blogs e páginas da Internet, englobando 66,7% das respostas; seguido por livros de ficção, com 46,7%; e histórias em quadrinhos e mangás, com 33,3%. Poucos costumam ler livros esotéricos e religiosos e revistas e jornais impressos. Uma observação importante a se fazer é que o resultado obtido nos leva a perceber que a leitura de mais fácil acesso e, de certo modo gratuita, é a mais acessada pelos jovens. Podemos associar tal resultado à falta de recursos financeiros dos alunos participantes, que vivem em periferias e estudam em escolas públicas. Isso nos faz pensar na necessidade de programas socioculturais que possam franquear o acesso desses jovens a outras fontes de leitura em locais de fácil acesso, como bibliotecas comunitárias.

Sabemos da importância do incentivo da família na aquisição do hábito de leitura e na formação do leitor. A respeito disso, inquirimos sobre o incentivo recebido e, como resposta, 33,3% responderam que teve incentivo dos pais ou avós, 26,7% responderam que outro familiar o incentivou, 10% tiveram incentivo do irmão/da irmã mais velha(a) e, em 30% das respostas, não houve incentivo de membros da família, sendo a segunda maior porcentagem, o que mostra que o número de jovens que não tiveram nenhuma figura incentivadora de leitura é uma questão preocupante na nossa realidade. Tal fato resulta em jovens que não possuem o hábito de ler e, a respeito disso, Morais afirma que

*Muitas crianças já não gostam de ler depois dos nove ou dez anos porque ler já não é uma aventura no imaginário, mas apenas um meio de satisfazer as exigências do sucesso. A leitura na escola ou para a escola transforma-se rapidamente a partir do momento em que se atinge a idade de ser sério, numa leitura obrigatória, numa pura demonstração de conhecimento, e os pais tornam-se cúmplices desta medida excessivamente pragmática. Ler é, pelo contrário, alimentar-se, respirar. É também voar. Ensinar a leitura é ao mesmo tempo formar a criança na técnica de voo, revelar-lhe este prazer e permitir que o mantenha. (MORAIS, 1997, p. 272).*

Nota-se, então, a importância da escola no processo de formação do leitor, uma vez que grande parte das famílias, seja por falta de escolaridade ou, na maioria das vezes, por falta de tempo, devido a jornadas excessivas de trabalho, não consegue suprir esse papel de incentivo à leitura na primeira infância ou em outras fases importantes na vida das crianças e dos adolescentes.

Um ponto importante na prática de incentivo à leitura é conhecer um pouco da estrutura escolar na qual o aluno está inserido. Além da influência familiar, a escola é crucial na formação do perfil-leitor do indivíduo. Ao serem perguntados se a escola possui biblioteca ou espaço de leitura, a grande maioria dos alunos (73,3%) respondeu que sua escola possui biblioteca, nenhum aluno respondeu que não possui e 26,7% disseram não saber. É provável que aqueles que não souberam responder, afora os que mudaram de escola durante a pandemia e ainda não conseguiram conhecer a estrutura da instituição onde estudam, se deve ao fato de que, em muitas escolas, apesar da existência física de bibliotecas e salas de leitura, não existem profissionais que possam viabilizar o funcionamento real destas.

Quanto às visitas à biblioteca, quase metade dos alunos respondeu que às vezes frequentam esse espaço, enquanto os demais responderam raramente ou nunca. Apenas 6,7% dos alunos assinalaram a opção “sempre”, mostrando que a ida à biblioteca da escola com frequência é um hábito que poucos alunos possuem. A visita a esses locais fora da escola também não faz parte do hábito de boa parte dos entrevistados (43,3%).

O questionário progrediu com perguntas relacionadas à forma como os alunos veem os

textos em Língua Inglesa, tendo como objetivo uma sondagem acerca da familiaridade, preferências e desafios do corpo discente quando o assunto é leitura em outra língua, especificamente o Inglês. 80% dos entrevistados confessaram gostar de aulas de Inglês com atividades de leitura, o que é relevante ao pensarmos em trabalhar esse aspecto em sala de aula e estimular a formação do leitor. O resultado se mostrou uma surpresa, visto que, por vezes, aulas de língua estrangeira com enfoque na leitura e na compreensão textual são tratadas como não significativas ou monótonas. No que tange aos sentimentos vivenciados ao se depararem com textos em inglês, a maior parte respondeu demonstrar curiosidade, motivação e tranquilidade. Tal fato mostra um ponto importante para o trabalho com textos na disciplina, uma vez que os estudantes apresentam boa recepção e entusiasmo. Todavia, 20% confessaram ter desespero e se sentir mal por não entender nada do idioma, evidenciando a necessidade do incentivo e do reforço positivo durante as aulas que contemplem esse tipo de tarefa.

No item sobre compreensão leitora, a maioria dos estudantes (90%) relatou conseguir compreender o sentido de um texto em inglês mesmo não sabendo o significado de algumas palavras, mostrando que conseguem vislumbrar seu sentido pelo contexto. Esta se torna uma informação importante a ser levada em consideração, visto que o olhar para o global é uma reconhecida ferramenta do aprendizado instrumental de uma língua. Uma vez que os alunos sentem-se mais aptos para esse nível de compreensão, ela poderia ser mais utilizada em sala de aula, fugindo da cobrança de um reconhecimento exato de cada palavra de um texto.

Informações a respeito da leitura de textos na língua materna do aluno também são fatores importantes ao trabalharmos a leitura de textos em LI. A respeito das dificuldades para ler textos em português, metade dos alunos demonstrou conseguir ler bem, porém apresentaram dificuldades de concentração e de motivação diante de textos longos ou com palavras rebuscadas. 30% alegaram não apresentar dificuldades ao ler em português, mesmo diante de textos com essas mesmas características, enquanto 20% responderam não apresentar muita dificuldade pelo fato de conseguirem usar estratégias que auxiliam a leitura e compreensão do texto. Apenas uma pequena parte dos alunos alegou possuir muita dificuldade, principalmente com textos longos. Esse resultado nos trouxe duas possíveis

interpretações: primeiro, sobre como os alunos têm visto a leitura que, de certo modo, ofuscaria a ideia de que o público em questão apresenta severas dificuldades de ler; segundo, que existe a possibilidade de que eles não consigam identificar em si próprios as dificuldades que enfrentam, o que atrapalha o trabalho de intervenção e de mediação do professor.

Quando perguntados acerca da frequência em que liam textos em LI fora das aulas de inglês, percebemos que houve equilíbrio entre as respostas “às vezes” e “raramente” contra uma minoria que respondeu “sempre” e alguns outros que responderam “nunca”. Constatamos, então, que poucos alunos têm acesso a textos em LI fora das aulas de inglês. Ainda assim, o resultado foi favorável quanto ao número de alunos que conseguem ter esse contato fora da escola.

Por fim, inquiridos sobre o grau de importância dado pelo discente para a habilidade de leitura em LI na vida fora da escola, sendo 1 “nada importante” e 5 “muito importante”, a grande maioria dos alunos (73,3%) assinalou a opção 5, mostrando a importância que saber ler em inglês pode trazer para suas vidas para além do contexto escolar. Sobre a motivação nas aulas de Inglês baseados em textos, nos deparamos com o resultado satisfatório de mais de 60% dos alunos se considerarem motivados ou muito motivados, o que dialogou com o resultado de 72% dos alunos afirmando que acreditam que a leitura e análise de textos em Inglês são ferramentas importantes no processo de aprendizado da língua.

Prosseguindo nossa sondagem acerca dos assuntos de interesse dos participantes, lançamos a pergunta sobre se houve algum livro marcante para eles. Por ter sido uma pergunta aberta, obtivemos diversas respostas, porém a Bíblia foi o único livro citado por mais de um aluno. Sete alunos responderam que não houve livro marcante em sua vida, e outros estudantes responderam títulos variados como O Diário de um Banana, Cidade dos Ossos, Confissões, A Cabana, A Fantástica Fábrica de Chocolate, A Cinco Passos de Você, a coleção de Sherlock Holmes, As Crônicas de Nárnia e O Diário de Anne Frank, O Caçador de Pipas, O Pequeno Príncipe, Quem é você, Alasca?, Um dos alunos respondeu que o livro que mais o marcou foi um lido por sua professora: Umas férias de verão. Outra observação importante é que um deles respondeu mais de um livro, entre eles, Confissões, (de uma autora asiática), Galveston e Deuses americanos.

O clássico *Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, também foi citado. Tendo em vista tal resultado, percebe-se que apenas um livro de autor nacional foi citado como marcante. Embora o (a) aluno(a) tenha colocado o nome que achava ser (*Umás férias de verão*), acreditamos que ele(a) tenha se referido ao livro *Sonhos de umas férias de Verão*, de Gustavo Reiz.

Acerca desse resultado, percebemos que a variedade quanto aos títulos citados abriria espaço para que as aulas de LI tratassem de assuntos, como por exemplo, filosofia e mitologia (*Confissões e Deuses americanos*), relacionamentos interpessoais (*Quem é você, Alasca?* e *Diário de Um Banana*), Química e Física (*crimes em Sherlock Holmes*), História (*O Diário de Anne Frank* e *Caçador de Pipas*) Biologia, sistema respiratório e imunológico (*A Cinco Passos de Você*), Reino animal e História do período medieval (*As Crônicas de Nárnia*), Filosofia (*O Pequeno Príncipe*). Claramente, são meras sugestões que podem se desdobrar em outras abordagens e outros assuntos interdisciplinares. Visto que a maior parte dos livros mencionados como marcantes são originalmente em Língua Inglesa, sugerimos também que fossem levados trechos desses livros para cortejá-los com o texto original.

A pergunta seguinte buscou sondar a temática preferida no momento de leitura e deixamos esta pergunta aberta, tendo em vista uma maior liberdade de resposta. Os assuntos mais mencionados foram futebol, maquiagem, signos, vida dos artistas, beleza, exercícios físicos, séries/filmes, super-heróis. Assim, ter conhecimento do assunto de interesse dos discentes antes de planejar uma aula, facilita o processo de escolha de textos e o diálogo com outras disciplinas.

Por fim, lançamos uma pergunta sobre como eles preferiram as aulas de Inglês. 80% dos alunos responderam que preferem aulas dinâmicas com práticas diferenciadas; 16,7% responderam preferir a aula sem atividades dinâmicas; 3,3% disseram ser indiferentes. Quando perguntados que tipos de práticas dinâmicas eles preferem nas aulas de inglês, 40% disseram preferir jogos; 16,7%, atividades em grupo; 36,7% músicas e filmes; 12,0% encenação; 20% missões/gincanas e projetos, e apenas 3,3% responderam não gostar de atividades dinâmicas. Esta última pergunta permitia que o entrevistado marcasse mais de uma opção, no entanto, ainda assim, apenas um aluno respondeu não se interessar

por atividades menos tradicionais. Esse resultado reflete o quão importante é agregar às aulas uma abordagem mais aberta ao protagonismo discente e reforçar o que sustentamos neste artigo acerca da proximidade e do interesse do aluno com leituras a serem trabalhadas. Quando nos preocupamos em criar vínculos e afinidades entre o perfil da turma e o planejamento das leituras, permitimos que eles participem mais ativamente de seu aprendizado, saindo da passividade da educação bancária, tão criticada por Paulo Freire, para assumir um protagonismo e uma adesão com relação aos textos. Além disso, a inclusão dos saberes e das vivências do aluno na dinâmica da aula pode colaborar com o próprio processo de aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo se ateve ao incentivo do uso de textos nas aulas de Inglês com uma abordagem que agregue tanto o aluno como protagonista quanto o diálogo interdisciplinar, possível entre LI e os demais saberes, tantos aqueles fragmentados no currículo formal como disciplinas quanto os saberes existenciais, voltados aos aspectos social e emocional. Trocas significativas e construção de procedimentos que proporcionem aos alunos familiaridade com a temática abordada podem corroborar com o desenrolar de uma aula de leitura em LI mais significativa. Esperamos que os docentes que tiverem acesso a este artigo consigam repensar suas práticas acerca do uso de textos em aulas de LI e possam explorar a riqueza que eles podem trazer. Reforçamos, também, que a interdisciplinaridade tem muito a contribuir, não apenas nesta dinâmica de aula, mas também em outros contatos docentes. À vista disso, nos ancoramos na perspectiva de Fazenda (2007), de que senso comum e o diálogo entre os conhecimentos podem substanciar a relação do aprendiz com o mundo, e que alunos podem se sentir mais motivados ao se depararem com esse tipo de atividade, uma vez que abarca competências de socialização, negociação e diálogo.

Considera-se oportuno ressaltar a importância da leitura em todos os segmentos da educação básica e como o hábito de ler, desde a infância, potencializa e enriquece o processo de aprendizagem, não apenas em LI como também nas demais disciplinas escolares. Destacamos,

igualmente, a importância de vislumbrar a leitura sob um prisma mais prazeroso, capaz de estimular a criatividade, além, é claro, de enriquecer o vocabulário e construir uma autoconfiança discursiva e argumentativa, valorizando os conhecimentos que os alunos já têm e dando importância aos saberes baseados em experiências leitoras anteriores. Cosson (2014) sustenta que, ao ler, o indivíduo abre uma porta entre seu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se há a crença de que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para o indivíduo. É preciso estar acessível à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. Sendo assim, consideramos relevante estimular o ato de ler com a leitura de mundo, da leitura de si e da junção de ambas concomitantemente.

Percebe-se, por fim, ainda seguindo o pensamento de Cosson, que abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é um gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto. O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, todavia nunca deixa de ser solidário. Assim, finalizamos a escrita na expectativa de proporcionar aos nossos alunos momentos marcantes durante e após as atividades de leitura em LI com um aprendizado colaborativo, com a ampliação da cosmovisão, da compreensão para com o outro e da solidariedade inerente ao ato de ler.

À guisa de conclusão, reforçamos nosso desejo de que a proposição deste artigo possa inspirar outros docentes, não se limitando aos de LI, mas aqueles enlevados pelo poder que a leitura pode oferecer e dispostos a compartilhar este rico manancial aos seus alunos.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria do Carmo F. de. SOUZA, Pricila Rodrigues de. Modelos de Rotação do Ensino Híbrido: Estações de Trabalho e Sala De Aula Invertida. E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial. Florianópolis, v. 9, n. 1, 2016.
- BACICH, Lilian. Ensino Híbrido: Proposta de formação de professores para uso integrado das tecnologias digitais nas ações de ensino e aprendizagem. In: Anais do Workshop de Informática na escola. 2016. p. 679. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/wie/article/view/6875/4753>>. Acesso em: 10 jul. 2018.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BARION, Eliana Cristina Nogueira Barion; MELLI, Nádia Cristina de Azevedo. Algumas reflexões sobre o ensino híbrido na educação profissional. Disponível em: Acesso em: 08 mai. 2019.
- BNCC: Base nacional comum curricular. Brasília: MEC, 2017.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- ELLIS, Rod. First steps in reading - a teacher's handbook for using starter readers in the primary school. Oxford: Heinemann, 1998.
- ELLIS, Rod. Language teaching research & language pedagogy. USA: Wiley-Blackwell, 2012.
- FAZENDA, Ivani. Didática e interdisciplinaridade. São Paulo: Papyrus, 1998.
- FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade: um projeto em parceria. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MORAIS, José. A arte de ler – Psicologia cognitiva da leitura. Lisboa: Cosmos, 1997.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 21ª edição. Rio

de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCNs). Língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RICHARDS, Jack; RODGERS, Theodore. Approaches and methods in language teaching. UK: Cambridge University Press, 1986.

ROJO, Roxane. Letramento e capacidades de leitura para a cidadania. São Paulo: Rede do Saber/CENP\_SEE – SP, 2004.

SOUZA, Adriana Grade Fiori. Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental. São Paulo: Disal, 2005.

# REAPROVEITAMENTO DE RESÍDUOS INDUSTRIAIS: TRANSFORMANDO PROBLEMA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INOVAÇÃO

Bruno Carlos Alves Pinheiro<sup>1</sup>  
Sandro Ferreira de Souza<sup>2</sup>  
Rodrigo Bicalho Mendes<sup>3</sup>  
Taís Coutinho de Souza Alves<sup>4</sup>  
Clara Batista Severo<sup>5</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho apresenta a problemática relacionada a geração cada vez maior de resíduos industriais que apesar de legislações, ainda não possuem sua logística reversa bem definida pelos seus geradores. O trabalho demonstra os resultados de um estudo no qual a educação ambiental foi aplicada dentro das disciplinas Materiais e Processos de Fabricação, Seleção de Materiais Aplicados ao Design e Seleção de Processos de Fabricação do curso de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Ubá. Tal estudo possibilitou ações práticas de fabricação e desenvolvimento de novos materiais cerâmicos ecológicos incorporados com resíduos industriais para serem aplicados na construção civil. A relevância deste trabalho pode se basear no fato de que o mesmo possibilita a divulgação e ampliação do conhecimento por parte da comunidade acadêmica e, principalmente, por parte da sociedade sobre o assunto. Além disso, apresenta a interdisciplinaridade entre a área ambiental, design e a ciência e tecnologia de materiais.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Resíduos Industriais; Materiais Cerâmicos; Reaproveitamento

<sup>1</sup> Docente em (Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Ubá) – Ubá, MG, Brasil – bruno.pinheiro@uemg.br

<sup>2</sup> Docente em (Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Ubá) – Ubá, MG, Brasil – sandro.ferreira@uemg.br

<sup>3</sup> Docente em (Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Ubá) – Ubá, MG, Brasil – rodrigo.bicalho@uemg.br

<sup>4</sup> Docente em (Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Ubá) – Ubá, MG, Brasil – tais.alves@uemg.br

<sup>5</sup> Graduando em (Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Ubá) – Ubá, MG, Brasil – clara.0993260@discente.uemg.br

## INTRODUÇÃO

O progresso econômico tem contribuído cada vez mais para o aumento do volume de resíduos gerados, principalmente, os resíduos industriais. Esse crescente volume de resíduos causa preocupações relacionadas à sua disposição. Mesmo que esses sejam depositados em locais controlados, adequados, preparados e mantidos, é uma solução cada vez menos atrativa e aceita pela sociedade (ZACCARON, et al., 2019). É importante destacar que tais preocupações se justificam não só pelo crescente aumento na geração dos resíduos, mas também pela reconhecida falta de soluções sanitárias e ambientalmente corretas à disposição final ou reaproveitamento, visto que essas soluções, principalmente, ligadas ao reaproveitamento, são de grande potencial (FARAGE, et al., 2013, p 204).

Promover a destinação adequada dos resíduos, através do reaproveitamento dos mesmos, que atenda não só os requisitos ambientais, econômicos e sociais tem se tornado um desafio a ser superado sendo uma questão de grande importância. De fato, o reaproveitamento passou a ser ainda mais relevante a partir de 2010, quando foi sancionada a Lei nº 12.035/10 que estabelece a criação do Plano Nacional de Resíduos Sólidos. Essa Lei determina que os resíduos produzidos/gerados pelas indústrias devam ser destinados a uma adequada forma de reutilização ou reciclagem (SILVA, et al., 2015). Isso se faz necessário pois os impactos ambientais causados pelos resíduos industriais variam de acordo com as suas características físico-químicas. Assim, é necessária uma forma ou programa diferente de tratamento para cada tipo de resíduo (BRITO e CUNHA, 2009, p 23).

A Constituição Federal consagrou o Meio Ambiente ecologicamente equilibrado como um direito de todo cidadão. Ela estabelece um vínculo entre qualidade ambiental e cidadania. Para garantir esse direito, a Carta Magna determina como uma das obrigações do Poder Público a Programação da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e conscientização (MELO, et al., 2020, p 134).

A Educação Ambiental, de maneira simples, são hábitos que as pessoas constroem, como valor social, conhecimento, atitudes e também competências voltadas para as questões ambientais (SILVA, et al., 2014, p 56). No ambiente escolar, a Educação Ambiental vem para assumir uma função primordial na sensibilização dos alunos com relação a conflitos entre o homem e a natureza e entre a natureza e a cultura. Isso

é de grande importância já que é por meio da inserção da dimensão ambiental que o indivíduo ou aluno durante o processo educativo toma consciência do meio ambiente de maneira ampla e concisa. Entretanto, essa perspectiva exige abordagens pedagógicas globalizantes, sistêmicas e, principalmente, interdisciplinares (MELO, et al., 2020, p 134).

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral, apresentar uma experiência de Educação Ambiental em atividades experimentais, realizadas nas dependências da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Ubá – MG, visando o reaproveitamento e emprego de resíduos provenientes de atividades industriais do município de Ubá – MG para a produção de novos materiais cerâmicos ecológicos para serem utilizados na construção civil através da interdisciplinaridade entre a Educação Ambiental, Design e Ciência e Tecnologia de Materiais.

As principais justificativas que suportam o desenvolvimento do presente trabalho podem ser observadas pelos seguintes pontos destacados a seguir:

uma alternativa interessante e atrativa, é a incorporação dos resíduos de diversas atividades industriais provenientes do município de Ubá – MG em traços cerâmicos para a fabricação de novos materiais cerâmicos ecológicos.

O estudo da interação entre os resíduos e os demais componentes da formulação dos novos materiais cerâmicos ecológicos é de grande valor acadêmico. Isso permite entender o efeito dos resíduos sobre o processo de cura e sobre as propriedades físico-mecânicas finais dos traços cerâmicos.

Estudar da viabilidade técnico-científica-econômica-ambiental-social de obtenção de novos produtos cerâmicos ecológicos, tipo tijolo solocimento, usando como matérias-primas resíduos poluentes gerados em grandes por um município e um dos setores industriais e mais importantes da Zona da Mata Leste Mineira – o município de Ubá – MG e o Polo Moveleiro de Ubá.

Após a introdução, apresentação dos objetivos e justificativas, o presente trabalho traz em suas seções subsequentes o método e desenvolvimento da pesquisa, o qual apresenta a sensibilização dos alunos, levantamento dos problemas, relação entre os problemas e as áreas de estudo, as matérias-primas utilizadas, o beneficiamento das matérias-primas, formulação e preparação dos traços cerâmicos, dosagem das matérias-

primas, preparação, secagem e cura dos corpos cimentícios e a determinação das principais propriedades físico-mecânicas. Em seguida, são apresentados os resultados obtidos e da discussão desses resultados. Por fim, a próxima seção apresenta as considerações finais.

## MÉTODO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

O presente trabalho tem caráter exploratório vindo demonstrar, principalmente, que a educação ambiental foi a entrada para a introdução para tais pesquisas. A educação Ambiental possibilitou viabilizar soluções tecnológicas envolvendo as áreas do Design e Ciência e Tecnologia dos Materiais. O trabalho foi desenvolvido através das etapas apresentadas a seguir. Vale destacar que tais etapas são componentes necessários para que os problemas, principalmente, os ambientais, fossem transformados em uma possível, interessante e atrativa solução.

### *Sensibilização dos alunos e Levantamento dos impactos (problemas)*

Durante a realização das disciplinas Materiais e Processos de Fabricação, Seleção de Materiais e Seleção de Processos de Fabricação do curso de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Ubá (UEMG/UBÁ), algumas reflexões críticas acerca de alguns problemas relacionados, principalmente, a materiais e processos de fabricação foram lançadas como “provocação” para os alunos. Essas ditas provocações tiveram como papel principal sensibilizar os alunos no sentido de que eles apontassem alguns problemas relevantes, principalmente, no âmbito ambiental e social.

### *Relação entre os impactos (problemas) e as áreas de estudo*

Diante dos problemas destacados, procurou-se fazer uma espécie de relacionamento (cruzamento de informações) entre tais problemas apontados, a área do design e da ciência e tecnologia dos materiais. Essa relação ou cruzamento de informações teve como função transformar os impactos (problemas) em solução sustentável importante e interessante tomando como base a educação ambiental. Definida a solução, partiu-se para a parte prática, que consiste em apresentar

as etapas que foram efetivamente utilizadas para o desenvolvimento efetivo da solução traçada e estruturada nas etapas anteriores. Essas etapas abrangem as matérias-primas utilizadas, o beneficiamento das matérias-primas, a formulação e a preparação dos traços cerâmicos, dosagem das matérias-primas, preparação, secagem e cura e determinação das propriedades físico-mecânicas dos corpos cimentícios.

### *Matérias-primas*

As matérias-primas utilizadas no presente trabalho foram solo arenoso, resíduo da construção e demolição, resíduo de serragem de madeira, resíduo borra de tinta, água e cimento. O solo arenoso foi coletado no município de Ubá – MG. O resíduo borra de tinta e o resíduo de serragem/pó de madeira foram provenientes de indústrias componentes do polo moveleiro de Ubá – MG. O resíduo de construção e demolição também foi proveniente do município de Ubá – MG. O cimento utilizado foi o cimento Portland CPIII 40 – RS, devido a facilidade de encontra-lo, seu baixo custo e por apresentar alta resistência mecânica a compressão. A água utilizada foi água potável coletada a partir da rede de distribuição de água do município de Ubá – MG, fornecida pela COPASA – MG.

### *Beneficiamento das matérias-primas*

O solo foi submetido a um processo de secagem ao ar livre durante 10 dias, e em seguida, a um processo de secagem em estufa de laboratório a 110 °C por um período de 24 h. Após secagem, o solo foi destorroado manualmente até a passagem completa em peneira 4 mesh (4,75 mm ABNT) e armazenado em sacos plásticos para não absorver umidade. O cimento foi submetido apenas a um processo de secagem em estufa de laboratório a 11 °C por 24 h. O resíduo de serragem/pó de madeira foi seco em estufa de laboratório a 110 °C por 24 h e depois passado em peneira 200 mesh (75 µm ABNT). O resíduo de construção e demolição foi submetido a uma separação, na qual buscou a obtenção dos componentes majoritários e de interesse (restos de argamassa, de concreto e de materiais cerâmicos). Após separação, esses componentes foram destorroados manualmente e secos em estufa de laboratório a 110 °C por 24 h. Em seguida, foram passados em peneira 200 mesh (75 µm ABNT), acondicionados em

sacos plásticos para não absorverem umidade e para posterior utilização. O resíduo borra de tinta, por se tratar de um resíduo líquido/pastoso, foi acondicionado em recipientes (galões) plásticos para posterior utilização.

Formulação e preparação dos traços cerâmicos

Composições de tijolo solo-cimento foram formuladas usando solo arenoso, cimento e os resíduos propostos. As Tabelas 1 apresenta a composição dos traços formulados.

*Tabela 1 – Composição dos traços formulados com os resíduos estudados*

TRAÇOS CERÂMICOS	SOLO ARENOSO	CIMENTO	RESÍDUOS ESTUDADOS	FORMULAÇÃO
TR10	10	1	0	10/1/0
TRRCD1	9	1	1	9/1/1
TRRSM1	9	1	1	9/1/1
TRRBT1	9	1	1	9/1/1

Fonte: Próprio Autor

Neste estudo, o solo foi substituído parcialmente 1 parte em volume pelos resíduos de serragem de madeira (RSM), pelo resíduo de construção e demolição (RCD) e pelo resíduo borra de tinta (RBT). Como traço de referência foi usado um traço tradicional de tijolo solo-cimento (TR10 - solo-cimento 10/1). TRRCD1 indica traço contendo resíduo de construção e demolição incorporado com 1 parte em volume, TRRSM1 traço contendo o resíduo serragem/pó de madeira incorporado com 1 parte em volume e TRRBT1 traço contendo o resíduo borra de tinta contendo 1 parte em volume.

#### *Dosagem das matérias-primas*

As matérias-primas foram dosadas de acordo com as formulações apresentadas nas Tabela 1. Logo após, as matérias-primas foram misturadas manualmente até que se atingisse uma coloração uniforme. Em seguida, as misturas foram umidificadas com água em 16 % em massa. O cimento Portland e a proporção de água foram mantidos constantes para excluir o efeito dessas variáveis nas propriedades técnicas.

#### *Preparação dos corpos cimentícios*

Corpos cimentícios cilíndricos ( $\Phi = 30$  mm) foram conformados por prensagem uniaxial utilizando uma prensa hidráulica manual, modelo PHP com capacidade de 15 toneladas. A pressão de compactação foi de 2 toneladas.

#### *Secagem e cura dos corpos cimentícios*

Após conformação, os corpos cimentícios foram colocados sobre uma superfície sólida em local coberto. Durante os primeiros 7 dias, foi realizada uma molhagem a cada 3 horas com o auxílio de um borrifador. Em seguida, os corpos cimentícios foram submetidos a secagem por convecção natural (cura) até que se completasse um período de 28 dias. Esse período é o usual adotado na produção industrial do tijolo solo-cimento.

#### *Determinação das propriedades físico-mecânicas dos corpos cimentícios*

As seguintes propriedades dos corpos cimentícios curados foram determinadas: massa específica aparente, absorção de água (AA - %) e resistência a compressão (RC - MPa). A massa específica aparente foi determinada acordo com  $MEA = m/V$ , onde  $m$  é a massa dos corpos cimentícios (g) e  $V$  é o volume dos corpos cimentícios ( $cm^3$ ). Os valores de absorção de água e de resistência a compressão foram obtidos de acordo com a norma ABNT NBR 10836/94.

## RESULTADOS DA PESQUISA

Como primeiros resultados desse trabalho, apresenta-se uma discussão acerca da sensibilização dos alunos, do levantamento dos impactos (problemas) e da relação entre os impactos (problemas) e as áreas de estudo.

A sensibilização dos alunos se deu ao longo das aulas das disciplinas que envolvem materiais e processos de fabricação, métodos de seleção de materiais e seleção de processos de fabricação para o design. Quando se trata de materiais, alguns aspectos são importantes. Entre eles, os aspectos técnicos (propriedades, composição), aspectos econômicos (custo relativo) e também aspectos ambientais (disponibilidade, facilidade de reciclar/reaproveitar, etc). Em termos de processos de fabricação, tem-se também aspectos importantes que devem ser levados em consideração, como por exemplo: custo de ferramental, custos de produção, nível tecnológico, capacidade de produzir de forma mais limpa, etc. Diante disso, foi percebido que os aspectos ambientais geravam mais discussão. Isso foi a motivação para a inserção da educação ambiental como propulsora no sentido de apresentar alternativas para que problemas fossem transformados em possíveis soluções.

Após algumas aulas discutindo sobre os aspectos ambientais foi levantado um impacto ambiental bastante significativo, o qual foi o crescimento e o acúmulo de resíduos gerados, principalmente, os resíduos industriais. O município de Ubá – MG compõe um dos polos moveleiros mais importantes do país. Sendo assim, é um grande gerador de resíduos industriais. Além disso, o município não gera somente resíduos ligados ao polo moveleiro, mas também há a geração de resíduos provenientes de outras atividades industriais, tais como: a construção civil, confecção e indústria alimentícia.

Com base no que foi apontado até aqui, procurou-se buscar uma solução que deveria consistir em reaproveitar os resíduos de modo que eles se tornassem matéria-prima para o desenvolvimento de novos materiais. Primeiramente, esses materiais deveriam absorver o volume dos resíduos gerados. Aqui é importante destacar que o reaproveitamento dos resíduos além de propiciar o desenvolvimento de novos materiais, pode também contribuir para a redução do consumo de recursos naturais. Uma outra questão a ser respondida foi sobre a aplicação dos novos materiais desenvolvidos e produzidos. Assim, procurou-se verificar sobre problemas sociais.

Com relação aos problemas sociais, foi levantado a questão do déficit habitacional. O município de Ubá – MG não é muito diferente dos municípios de seu porte no que se refere ao déficit habitacional. De acordo com o Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS, 2018), que é um diagnóstico da questão habitacional em Ubá, existe um déficit habitacional de 1592 unidades. Somado a isso tem-se a necessidade de realocação de 640 moradias situadas em áreas de risco. Com isso, os novos materiais cerâmicos desenvolvidos, além de cumprir o que foi dito anteriormente, deveriam contribuir para a diminuição do déficit habitacional.

Diante do que foi verificado até aqui, a indústria cerâmica foi selecionada. As razões que contribuíram para a seleção da indústria cerâmica foram: i) estudos já demonstraram com sucesso que ela pode atuar como grande consumidora (absorvedora) de vários tipos de resíduos, principalmente, os resíduos industriais; ii) outros fatores que tornam a indústria cerâmica atrativa ou qualificada para este fim são: a) a indústria cerâmica utiliza grandes volumes de matérias-primas naturais; b) as matérias-primas utilizadas na fabricação dos produtos cerâmicos, principalmente, os produtos empregados na construção civil, apresentam larga variabilidade do ponto de vista químico e mineralógico; c) o

processo de fabricação não sofre alterações com a utilização dos resíduos; e d) a matriz cerâmica, seja ela de base argilosa ou cimentícia, promovida durante a etapa de sinterização para os produtos de base argilosa ou aquela promovida durante a etapa de cura para os produtos de base cimentícia, é capaz de promover o encapsulamento dos compostos poluentes presentes nos resíduos (PINHEIRO, 2009 p. 1).

Assim, pode ser observado claramente que a indústria cerâmica através de seus produtos ou materiais é uma solução bastante atrativa e interessante. Ela vai de encontro com os aspectos ambientais e sociais envolvidos no presente trabalho.

Dentre os materiais cerâmicos, optou-se por se trabalhar com o tijolo ecológico do tipo solo-cimento. São muitas as razões pelas quais esse material foi selecionado. Entre elas pode-se destacar: i) o tijolo solo-cimento tem sido considerado como um importante material de construção, principalmente, em países em desenvolvimento. Neste caso, ele é muito utilizado em habitações de interesse social; ii) ele apresenta vantagens do ponto de vista técnico e econômico em relação ao tijolo de base argilosa sinterizado. Por exemplo: o baixo custo, propriedades técnicas melhoradas, a eliminação da etapa de queima (sinterização), a qual apresenta alto consumo de energia, daí a designação de tijolo ecológico (SIQUEIRA, et. al., 2016 p. 237); iii) não permite a instalação e proliferação de insetos nocivos à saúde pública, atendendo as condições mínimas de habitualidade; iv) proporciona uma construção mais limpa e gerando menor quantidade de resíduos e entulhos devido a sua estrutura de encaixe; e v) aumenta a resistência estrutural e funciona como um sistema térmico e acústico que contribui para a redução da umidade nas paredes (OLIVEIRA, et al., p. 54, 2014).

Com relação aos resíduos escolhidos, procurou-se trabalhar com resíduos que fossem provenientes do Polo Moveleiro de Ubá como foi o caso do resíduo de serragem/pó de madeira e o resíduo de borra de tinta. E também com resíduos gerados pela indústria da construção civil. Aqui optou-se pelo resíduo da construção civil e demolição propriamente dito (entulho). A seguir são apresentadas algumas razões importantes de cada resíduo, as quais contribuíram de maneira significativa para a seleção de tais.

Segundo a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS, p. 19, 2010), o resíduo da

construção civil e demolição (RCCD) é aquele gerado nas construções, reformas, reparos e demolições de obras da construção civil. Podendo incluir restos da preparação e escavação de terrenos para obras civis. Ele é constituído por restos de argamassa, concreto, materiais cerâmicos, os quais são responsáveis por 62 % da composição total desse resíduo. Além disso, também fazem parte da composição desse resíduo metais, plásticos, madeiras, papéis e vidros. Nesse ponto é importante destacar um fator de grande importância que contribuiu diretamente para a seleção desse resíduo. Tal fator está ligado aos componentes majoritários (restos de argamassa, de concreto e de materiais cerâmicos). Esses componentes são amplamente compatíveis e utilizados em matrizes de solo-cimento. E ainda, os componentes secundários podem ser separados e reciclados (POSSA e ANTUNES, 2016, p. 149).

Outro fator relevante para a seleção do resíduo da construção e demolição foi o grande volume no qual é gerado (disponibilidade). Em média, esse resíduo é responsável por cerca de 50 % da massa dos resíduos sólidos urbanos gerados em todo mundo. Em termos do índice médio de geração per capita, o RCCD apresenta um valor de 500 Kg/habitante por ano. Vale destacar que esse valor pode variar de acordo com índice de desenvolvimento humano (IDH) (GASPARETO e TEIXEIRA, 2017, p. 40). Assim, considerando o valor de 500 Kg/habitante por ano de RCCD e uma população, segundo IBGE, estimada para o município de Ubá – MG, em 2021, de 117.995 pessoas, tem-se uma geração de aproximadamente 58.997,500 ton/ano. Isso mostra o elevado volume no qual esse resíduo é gerado. Vale comentar aqui que grande parte desse elevado volume produzido é depositada de forma totalmente irregular. Isso provoca entre outras coisas o desperdício de materiais nobres como é o caso dos componentes majoritários desse resíduo.

O resíduo de madeira (RSM) estudado no presente trabalho está na forma de serragem e pó de madeira. De acordo com suas características morfológicas, esse resíduo apresenta partículas com dimensões de no máximo 2,5 mm a partículas menores que 0,5 mm (CAETANO, et al., 2017, p. 384).

Esse resíduo é proveniente, principalmente, das indústrias de desdobro primário, secundário e beneficiamento, componentes do Polo Moveleiro de Ubá – MG. É um resíduo gerado também em

grandes quantidades. Em 11 fábricas de móveis, de cerca das 400 fábricas componentes do Polo Moveleiro de Ubá, é gerada mensalmente, uma média de 1.699 toneladas de resíduo de madeira. Isso corresponde a uma geração média diária de 77 toneladas, considerando um período de produção de 22 dias/mês. Dessa média total, na forma de serragem e pó de madeira tem-se uma geração média mensal de 326 toneladas/mês (FARAGE, et al., 2013, p. 208). Assim, o fator volume de resíduo gerado (disponibilidade) foi considerado para sua seleção.

Outros fatores extremamente importantes foram: i) por apresentar baixa densidade aparente (LIMA, et al., 2017, p. 1), pode contribuir no sentido de produzir materiais mais leves; ii) esse resíduo também pode contribuir para o desenvolvimento de materiais com características desejáveis como durabilidade, estabilidade dimensional e resistência contra a biodegradação, apresentando ainda vantagens econômicas. De fato, muitas pesquisas estão sendo desenvolvidas atualmente utilizando o resíduo de serragem de madeira para a fabricação de compósitos cimentícios denominados cimento-madeira. Cada vez mais esses compósitos vêm sendo desenvolvidos com as características mencionadas anteriormente (GARCEZ, et al., 2018, p. 608); e iii) esse resíduo apresenta baixa condutividade térmica. Isso mostra que os materiais desenvolvidos podem melhorar o isolamento térmico da estrutura ou da obra (GARCEZ, et al., 2018, p. 608).

É muito importante destacar até aqui que a incorporação do resíduo de serragem/pó de madeira pode ser uma alternativa econômica significativa para a produção de materiais que satisfaçam uma importante variável no desenvolvimento de materiais para a construção civil, a qual é a redução de peso. E ainda, a incorporação desse resíduo em materiais cerâmicos para a construção civil é um uso racional já que ele pode fornecer uma solução energética eficiente podendo contribuir para melhorar o isolamento térmico da estrutura ou da obra. Além disso, quase não se tem na literatura estudos que tratam da incorporação desse resíduo proveniente do Polo Moveleiro de Ubá, para a fabricação de novos materiais cerâmicos ecológicos para a construção civil. De fato, (FARAGE, et al., 2013, p 204) dentre as formas mais usuais de reaproveitamento verificadas para os resíduos de madeira provenientes do Polo Moveleiro de Ubá foram a sua utilização como forração de cama de

frango em granjas, queima em fornos e caldeiras e ainda como condicionador de solo.

Nota-se que as formas de reaproveitamento mais usuais para esse não levam em consideração o potencial energético desse tipo de resíduo. Uma aplicação indicada que pode fazer isso é o reaproveitamento através da produção de briquetes (BRITO e CUNHA, 2009, p 25; FARAGE, et al., 2013, p 203; SILVA, et al., 2015). Assim, a aplicação que foi proposta no presente trabalho para o resíduo de serragem/pó de madeira é muito atrativa, pois leva em consideração não somente o aspecto energético, mas também propriedades importantes como a baixa densidade aparente. Isso é de grande relevância já que o resíduo de serragem/pó de madeira passa a ter uma utilização mais nobre como sendo matéria-prima componente para a fabricação de materiais cerâmicos ecológicos para a construção civil.

O resíduo chamado de borra de tinta utilizado neste trabalho é um resíduo com consistência líquida. Ele é gerado nas etapas de acabamento, principalmente, na etapa de pintura dos móveis (SILVA, et al., 2015). Essa borra é separada do solvente por um processo de destilação com a utilização de temperatura acima de 150 °C. Com relação a esse resíduo é importante destacar o seguinte fator considerado para a sua seleção: i) existem poucos trabalhos na literatura que tratam do reaproveitamento dessa borra de tinta gerada no Polo Moveleiro de Ubá; ii) quando se trata do reaproveitamento de forma a incorporar esse resíduo em massas cerâmicas para a fabricação de materiais que possam ser utilizados na construção civil essa lacuna é maior ainda. Assim, tomando como base esses pontos, é observado que a proposta de utilização da borra de tinta realizada no presente trabalho foi importante no sentido de valorizar o resíduo e ao mesmo tempo contribuir para o preenchimento de uma lacuna existente na literatura.

Após a apresentação dos resíduos e as razões da escolha de tais, são apresentados a seguir os resultados das propriedades físico-mecânicas dos corpos cimentícios curados.

A Tabela 2 mostra os resultados da densidade aparente ( $\text{g}/\text{m}^3$ ). A Figura 1 apresenta os resultados da absorção de água (AA - %) e a Figura 2 apresenta os resultados da resistência a compressão (RC – MPa) dos corpos curados após 28 dias.

Tabela 2 – Densidade aparente ( $\text{g}/\text{cm}^3$ ) dos corpos cimentícios

TRAÇOS CERÂMICOS	DENSIDADE APARENTE ( $\text{g}/\text{cm}^3$ )
TR10	1,68 ± 0,04
TRRCD1	1,74 ± 0,04
TRRSM1	1,56 ± 0,03
TRRBT1	1,63 ± 0,02

Fonte: Próprio Autor

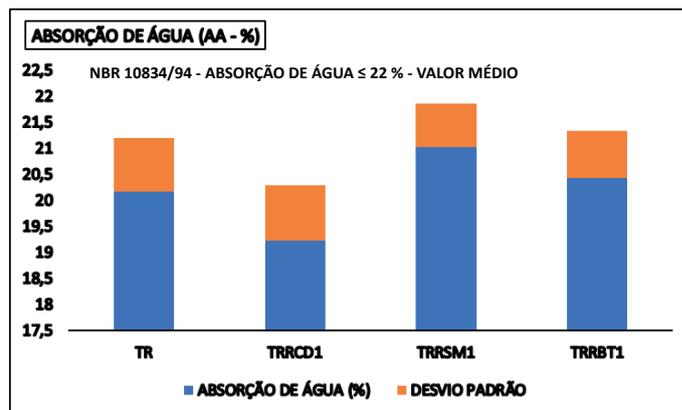


FIG. 1 – Absorção de Água (%) dos corpos cimentícios

Pode ser observado a partir da Tabela 2 que a densidade aparente é fortemente influenciada pelos resíduos incorporados. O resíduo de construção e demolição tende a aumentar a densidade aparente. A incorporação do resíduo de serragem/pó de madeira e do resíduo de borra de tinta tendem a diminuir a densidade aparente dos corpos cimentícios. O resíduo de construção e demolição contribui para um maior empacotamento das partículas, aumentando a densificação dos corpos cimentícios.

A Figura 1 apresenta os resultados de absorção de água dos corpos cimentícios. A absorção de água é uma propriedade que está relacionada a microestrutura e com o nível de porosidade aberta dos corpos cimentícios. É apresentado também o valor máximo médio de absorção de água de acordo com a norma NBR 10834/94.

Pode ser observado que a absorção de água tende a diminuir com a incorporação de 1 parte em volume do resíduo de construção e demolição. A incorporação de 1 parte em volume do resíduo de serragem/pó de madeira e do resíduo borra de tinta tendem a aumentar a absorção de água dos corpos cimentícios. A incorporação do resíduo de construção e demolição pode ter influenciado no sentido de ter promovido um maior grau de empacotamento das partículas. Isso leva a uma

estrutura menos porosa e conseqüentemente mais densa. De fato, os corpos cimentícios do traço TRRCD1 são mais densos do que os corpos de referência TR e do que os corpos pertencentes aos traços TRRSM1 e TRRBT1. Esses resultados corroboram com os resultados apresentados na Tabela 1.

É importante observar também que os corpos cimentícios contendo 1 parte em volume dos resíduos estudados no presente trabalho atingiram a especificação por norma, em termos de absorção de água, para serem classificados com tijolos do tipo solo-cimento. Conforme pode ser visto na Figura 1 os corpos cimentícios apresentaram valores médios de absorção de água inferiores ao valor máximo recomendado pela norma NBR 10834/94.

A resistência mecânica dos corpos cimentícios foi determinada pela resistência a compressão (Figura 2).

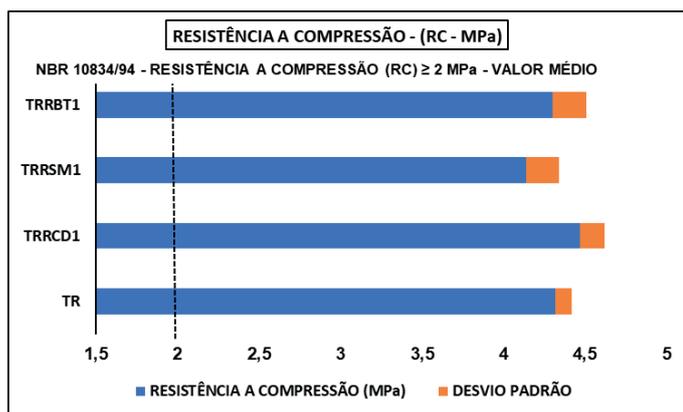


Figura 2 – Resistência a Compressão (MPa) dos corpos cimentícios

A resistência a compressão é considerada uma das mais importantes propriedades para os materiais cerâmicos utilizados na construção civil. Pode ser observado na Figura 2 que a resistência a compressão dos corpos cimentícios incorporados com o resíduo de construção e demolição (TRRCD1) leva a um aumento da resistência a compressão. Já os corpos cimentícios incorporados com 1 parte em volume dos resíduos de serragem/pó de madeira (TRRSM1) e resíduo borra de tinta (TRRBT1) tendem a diminuir ligeiramente a resistência a compressão dos corpos cimentícios. O aumento provocado pela incorporação do resíduo de construção civil e demolição pode estar associado ao maior empacotamento das partículas. Isso leva a um menor nível de porosidade aberta, a uma estrutura mais densa e, conseqüentemente, mais resistente mecanicamente.

É importante destacar também que todos os traços cerâmicos formulados no presente trabalho apresentaram valores médios de resistência a compressão superiores ao valor mínimo estabelecido por norma conforme Figura 2. Isso é resultado importante pois mostra que os novos materiais cerâmicos ecológicos desenvolvidos neste trabalho apresentaram especificações mecânicas para serem classificados como tijolo do tipo solo-cimento.

## Considerações finais

A oportunidade de desenvolver uma solução técnica e sustentável tendo como base a educação ambiental como propulsora foi de grande importância. Isso mostra que a educação ambiental pode deixar de ser apenas conteúdo informativo e se torne fator importante contribuindo com a colocação do aluno como agente que possa participar de importantes mudanças. E ainda, pode ser prática, contribuir na mudança de hábitos e estar junto de atividades de pesquisa, extensão e inovação para cada vez mais se ter soluções técnico-científicas ambientais, inteligentes, sustentáveis e que possa estar entrelaçada com questões sociais.

A Educação Ambiental pode fornecer ao aluno a capacidade de pensar de forma mais abrangente sobre o meio ambiente e de como preservá-lo para as gerações futuras. Vale destacar também que a participação dos alunos e a interdisciplinaridade promovida entre a educação ambiental, design e ciência e tecnologia dos materiais foram fatores determinantes para a realização do trabalho.

A relevância do presente trabalho se dá, visto que os resíduos industriais propostos são potenciais poluentes, são gerados em grandes volumes, sendo descartados muitas vezes de formas irregulares. Quando são reaproveitados pode-se notar uma utilização que não leva em consideração todas as suas características principais, como componentes nobres, potencial energético, baixa massa densidade aparente e baixa condutividade térmica. A produção de novos materiais cerâmicos ecológicos para serem utilizados na construção civil que utilizam resíduos industriais como matérias-primas alternativas é de grande importância do ponto de vista técnico, científico/acadêmico, econômico, social e, principalmente, ambiental. É um avanço na área da reciclagem e da cadeia produtiva de materiais cerâmicos utilizados na construção civil.

Essa relevância e importância se confirmam com os resultados obtidos. No presente trabalho considerando as principais propriedades físico-mecânicas (densidade aparente, absorção de água e resistência a compressão) e a norma NBR ABNT 10834/94, foi possível avaliar o potencial de utilização dos traços cerâmicos formulados e estudados para a fabricação de tijolo do tipo solo-cimento. Pode ser observado que os traços cerâmicos formulados atingiram as especificações para tijolo solo-cimento para os três tipos de resíduos estudados na proporção de 1 parte por volume de resíduo incorporado. Isso mostra que tais resíduos podem ser utilizados como matérias-primas alternativas em formulações cerâmicas para a fabricação de tijolo solo-cimento.

Como trabalhos futuros pode-se tentar desenvolver a partir dos mesmos e até de outros tipos de resíduos, outras tipologias de materiais construtivos que possam, assim como o tijolo solo-cimento, serem utilizados para obras dentro do próprio município de Ubá – MG e seu entorno. Elementos tais como: variações de formas do próprio tijolo solo-cimento, pavimento intertravado solo-cimento, pavimento intertravado de concreto, blocos de concreto, piso antiderrapante, etc. Isso seria de extrema importância para difundir ainda mais o conhecimento, oferecer novas opções de reaproveitamento de resíduos e contribuir para o desenvolvimento municipal e regional.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10834: Tijolo solo-cimento – especificações. Rio de Janeiro. 1994.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10836: Tijolo solo-cimento – determinação da resistência a compressão e absorção de água. Rio de Janeiro. 1994.

BRASIL. Lei n. 12.305 de 02 agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a lei n. 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF. 2010

BRITO, L. S.; CUNHA, M. E. T. Reaproveitamento de resíduos da indústria moveleira. Unopar Científica Ciências Exatas e Tecnológicas, Londrina, PR, v. 8, n. 1, p. 23-26, nov. 2009

CAETANO, M. D. D. E. et. al. Análise do gerenciamento de resíduos sólidos e proposição de melhorias: estudo de caso em uma marcenaria de Cariacica, ES. Revista Gestão & Produção, São Carlos, SP, v. 24, n. 2, p. 382-394. 2017.

FARAGE, et. al. Avaliação do potencial de aproveitamento de aproveitamento energético dos resíduos de madeira e derivados gerados em fábricas do polo moveleiro de Ubá – MG. Ciência Florestal, Santa Maria, RS, v. 23, n. 1, p. 203-212, jan/mar. 2013

GARCEZ, M. R. et. al. Tijolos leves para alvenaria produzidos a partir de resíduos da indústria madeireira. Engenharia Sanitária e Ambiental, Rio de Janeiro, RJ, v. 23, n. 3, p. 607-614, maio/jun. 2018.

GASPARETO, M. G. T.; TEIXEIRA, S. R. Utilização de resíduo de construção civil e demolição (RCD) como material não plástico para a produção de tijolos cerâmicos. Cerâmica Industrial, Criciúma, SC, v 22, n. 2, p. 40-46, mar./abr. 2017.

LIMA, T. C. S. V. et. al. Caracterização do resíduo de serragem da madeira para utilização

como agregado na construção civil em Salgueiro-PE. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 69., 2017, Belo Horizonte. Anais da 69ª Reunião Anual da SBPC. Belo Horizonte – 16 a 22 de julho de 2017.

MELO, J. R. et. al. Educação ambiental: reciclagem do lixo no contexto escolar. Revista Multidebates, Palmas, TO, v. 4, n. 2, p. 133-141, jun. 2020.

OLIVEIRA, J. R. et. al. Incorporação de resíduos sólidos de torneiras mecânicas na fabricação de tijolos solo-cimento. Nativa Pesquisas Agrárias e Ambientais, Sinop, MT, v. 02, n. 01, p. 53-57, jan./mar. 2014.

PINHEIRO, B. C. A. Processamento e caracterização de massas cerâmicas incorporadas com o resíduo borra de petróleo encapsulada para a fabricação de grês porcelanato. 2009. 205 f. Tese (Doutorado em Engenharia e Ciência dos Materiais) – Centro de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2009.

POSSA, S. A; ANTUNES, E. G. P. Proposta de reutilização do resíduo de cerâmica vermelha proveniente da construção civil e demolições no município de Criciúma, SC. Revista Tecnologia e Ambiente, Criciúma, SC, v. 22, p. 147-161, 2016.

SILVA, L. P. et al. Educação ambiental e reciclagem dos resíduos sólidos gerados no campus IV da UEPB em Catolé do Rocha – PB. Revista Terceiro Incluído – Transdisciplinaridade e Educação Ambiental, Goiânia, GO, v. 4, n. 2, p. 54-71, jul/dez. 2014.

SILVA, C. M. S, et. al. Métodos de controle e reaproveitamento dos resíduos gerados pela indústria moveleira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA MADEIRA, 2., 2015, Belo Horizonte. Anais do II Congresso Brasileiro de Ciência e Tecnologia da Madeira. Belo Horizonte - 20 a 22 de setembro de 2015.

SIQUEIRA, F. B. et. al. Influence of industrial solid waste addition on properties of soil-cement bricks. Revista Cerâmica, São Paulo, SP, v. 262, n. 363, p. 237-241, jul./set. 2016.

ZACCARON, A. et. al. Efeito da adição de resíduo de vidro em massa de cerâmica de alvenaria. Revista Matéria, Rio de Janeiro, RJ, v. 24, n. 4, 2019.

# O PERFIL DO EGRESSO EM DESIGN DA UEMG UNIDADE UBÁ

Mayara Estrela de Andrade <sup>1</sup>  
Taís de Souza Alves Coutinho<sup>2</sup>  
Marco Túlio Ferreira Monteiro<sup>3</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta resultados de pesquisa realizada em 2018 sobre o perfil profissional dos egressos do curso de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Ubá entre 2006 e 2017. A base das conclusões foi atribuída por meio de um questionário, focado na atividade profissional e na experiência dos entrevistados com o curso. Também, há um levantamento de dados em relação as matrizes curriculares da instituição, comparando com as outras universidades brasileiras. Os resultados revelam a satisfação dos egressos em relação ao curso, mas também críticas em relação ao mercado de trabalho, além do desejo de uma futura especialização ou mestrado para a faculdade. E contribui, ainda, para contar a história do primeiro curso de graduação da unidade de Ubá.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perfil, Egresso, Design, UEMG, Ubá.

**Abstract -** The article presents results of research conducted in 2018 on the professional profile of the graduates of the Design course of the State University of Minas Gerais (UEMG), Ubá unit between 2006 and 2017. The basis of the conclusions was attributed through a questionnaire, focused on the professional activity and the experience of the interviewees with the course. Also, there is a survey of data regarding the curricular matrices of the institution, comparing with other Brazilian universities. The results reveal the graduates' satisfaction with the course, but also criticism regarding the job market, as well as the desire for a future specialization or masters degree for college. And it also contributes to tell the story of the first undergraduate course of the Ubá unit.

**KEY WORDS:** Profile, Egresso, Design, UEMG, Ubá.

<sup>1</sup> Discente, Graduanda em Design na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Ubá – Ubá, MG, Brasil - <http://lattes.cnpq.br/5370757684399623>

<sup>2</sup> Docente em Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Ubá – Ubá, MG, Brasil - <http://lattes.cnpq.br/5791793338277311> - [taisalvesuba@gmail.com](mailto:taisalvesuba@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente em Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade de Ubá – Ubá, MG, Brasil - <http://lattes.cnpq.br/8088721981265656>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo é o resultado de uma pesquisa realizada em 2018, com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Além disso, o estudo faz um mapeamento sobre o curso de Design da Unidade Ubá. A iniciativa teve como objetivo refletir sobre o aprendizado durante a graduação em Design na Universidade do Estado de Minas Gerais em Ubá, por meio de um diagnóstico sobre o perfil do egresso, utilizando as características específicas da área do curso, segundo o ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes). Buscou-se entender se a Unidade segue os critérios das matrizes curriculares das principais faculdades do Brasil, com a intenção de provocar a reflexão sobre a formação do profissional da área do Design em Ubá.

O perfil do egresso de um curso superior é caracterizado por resultados do processo de formação acadêmica e, também, a entrada para um processo de integração do profissional ao mercado de trabalho. Neste sentido, a especificação do perfil do egresso de um curso de graduação exige a articulação entre a formação acadêmica e as exigências de uma prática profissional que se insere em um mercado de trabalho caracterizado pela mudança (Lee, Trauth e Farwell, 1995, p. 313-340).

Identificar o perfil do egresso é relevante para reaproximar o curso superior de seus ex-alunos, acompanhar sua trajetória, compreender suas dificuldades em relação ao mercado de trabalho e caracterizar seus campos de atuação (Jacques Mick, 2010, p. 2).

## 2. O CURSO DE DESIGN DA UEMG UBÁ O CURSO DE DESIGN DA UEMG UBÁ

O curso de Design de Produto foi implantado em Ubá no ano de 2006. Desde o início houve uma solicitação da prefeitura do município na época, junto à reitoria da Universidade, por se tratar de um polo moveleiro de Minas Gerais. Em 2007, a Universidade implantou a Unidade Acadêmica de Ubá como Escola de Ciências Naturais e Exatas, com a finalidade de abrigar cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Química, Matemática e Física. O termo Escola de Ciências Naturais e Exatas não é mais utilizado, assumindo a designação de Unidade

Acadêmica de Ubá, possuindo os cursos de Design como Bacharel, Ciências Biológica e Química como Licenciatura.

Atualmente a Universidade passa por grandes modificações. Considerando o aumento do número de cursos com a integração de universidades no interior, faz-se necessário acompanhar essas transformações e o que isso tem refletido no perfil de seus egressos, em especial do Design. De 2006 até hoje foram abertas 11 turmas para esse curso, sendo que as primeiras possuíam 40 vagas e as atuais, 30 vagas. Inicialmente pertencendo à Escola de Design, em Belo Horizonte, porém, no ano de 2012 o curso conseguiu ser desvinculado dessa origem, já que o perfil dos alunos e a demanda da região, eram diferentes da realidade da Escola de Design. Consequentemente foi feita a modificação de reformulação do projeto pedagógico. Abaixo temos os dados quantitativos da formação de cada ano dos alunos.

*Tabela 1 - Egressos do curso de Design da UEMG de Ubá, por gênero (2010-2018)*

Ano de entrada	Ano de Formação	Quantidade que entraram	Formandos	Desistências
2010	2013	31	21	10
2011	2014	28	13	15
2012	2015	26	20	6
2013	2016	29	14	15
2014	2017	26	14	12
2015	2018	27	-	-
2016	2019	26	-	-
2017	2020	27	-	-
2018	2021	29	-	-
TOTAL		249	82	58

Fonte: Pesquisa direta

Vale lembrar que atualmente o curso de Design conta com quatro turmas, no total de 109 alunos que entraram em seus primeiros anos, porém, os números de desistências dessas turmas não foram contabilizados. Além disso, os dados entre 2006 e 2009 não estão disponíveis na Unidade, já que se trata de informações de quando o curso era vinculado ao de Belo Horizonte. Entretanto, nessa pesquisa, também foram levados em consideração os egressos desses períodos, apesar de não se encontrar os números oficiais, a unidade ainda possui contato com alguns dos formandos.

### 3. A RELAÇÃO COM OUTROS CURSOS

No componente específico da área de design, segundo a Portaria nº 205, de 22 de junho de 2012, a prova do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE 2012), aponta como referência um perfil profissional que contemple:

- I. *Capacidade de observar, interpretar, avaliar e propor soluções para responder as necessidades do indivíduo e da sociedade por meio de artefatos (produtos, sistemas e serviços);*
- II. *Compreensão e elaboração do artefato como elemento de mediação e transformação social;*
- III. *Atenção às condições e finalidades do projeto de artefatos incluindo etapas de concepção, desenvolvimento, implementação e impactos;*
- IV. *Domínio para a elaboração de artefato, considerando as características formais, materiais, funcionais e comunicacionais;*
- V. *Capacidade de atuar em equipes multiprofissionais;*
- VI. *Capacidade de planejar e analisar sistemas e processos de produção de artefatos;*
- VII. *Domínio da linguagem da área de conhecimento;*
- VIII. *Domínio dos fundamentos da área de conhecimento para promoção de conexões que permitam ações criativas.*

Associando esses componentes, foi levantada a grade curricular das Universidades Nacionais, associando com o perfil profissional, a fim de que seja estabelecida uma conexão dos elementos específicos que a área do design precisa apresentar, procurando aprofundar os significados e a relação existente entre curso e o caminho profissional.

Foram estudadas e comparadas 12 Faculdades do Brasil de diferentes regiões: A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Universidade de São Paulo (USP), Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Universidade Federal do Paraná (UFP), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal de Curitiba

(UFC) e a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

Este tipo de estudo serve como base para averiguar se o que aplicam na Faculdade são os mesmos fundamentos encontrados nas melhores Universidades de Design do país. Para assim, poder passar para a próxima etapa: a vida profissional dos Egressos.

Um dos empecilhos encontrados foram as mudanças das grades curriculares e das disciplinas com diferentes nomes, cujo mesmo assunto é abordado. Para resolver essas questões, a matriz curricular, por exemplo, é justificada pelas diversas ramificações do Design que podem ser de produto, embalagem, serviço, gráfico, moda, interiores e entre outros. Apesar da diversidade entre eles, todos possuem um denominador comum, o básico do Design segue os mesmos princípios para todos. A outra questão são as matérias que possuem o mesmo conteúdo, para analisar todos esses dados, essas disciplinas foram colocadas juntas.

Nesta tabela, todas as 12 Faculdades e a UEMG de Ubá, apresentam com suas disciplinas a cor verde, as ausentes estão na cor branca e a de amarelo são todas as matérias mais frequentes, com a média de 50% ou acima:

Tabela 2 – Registro estrutural das disciplinas de cada Faculdade.

Disciplinas	UERJ	UFMG	UFJF	USP	ESPM	UFSC	UFRGS	UNESP	UFPE	PUC-SP	UFC	PUC-PR	UBA	%
Arte														100%
TCC														100%
Atividades Complementares														100%
Introdução ao Projeto														92%
Semiótica														85%
Produto														77%
Ergonomia														77%
Gráfico														69%
Comunicação														69%
Desenho Técnico														69%
Introdução ao Design														62%
História do Design														62%
Materiais e Processos														62%
Economia e Gestão														62%
Cor, Forma e Composição														54%
3D														54%
Metodologia														54%
História e Atualidades das Artes														54%
Representação														54%
Marketing														54%
Cultura														54%
Oficina														46%
Psicologia da Percepção														46%
Desenho														46%
Atualidade Cultural														38%
Teoria e Técnicas da Imagem														38%
Tecnologia														38%
Ambiente e Sustentabilidade														38%
Fotografia														38%
Embalagem														38%
Filosofia														31%
Prototipação														31%
Informação														31%
Legislação, Normas e Ética Profissional														31%
Estética														23%
Design e Antropologia														23%
Design e Arquitetura														23%
Fundamentos														23%
Forma														23%
Modelagem														23%
Cinema e Audiovisual														23%
Interfaces, Integração de Criação														23%
Formas de Expressão e Pesquisa														23%
Tipografia														23%
Visualização														23%
Social														23%
Inovação e Empreendedorismo														23%
Moda														23%
Geometria														23%
Produção														23%
Meios e Métodos na Interação														15%
Linguagem														15%
Web														15%
Projeto em Design de Interação														15%
Consumo														15%
Portfólio e Personal Branding														15%
Mídias Digitais														15%
Design Estratégico														15%
Socias														15%
Computação														15%
Usabilidade e Desempenho														15%
Plástica														15%
Mecânica														15%
Organização														15%
Game Design														15%
Serviços														15%
Criatividade														15%
Literatura														8%
História														8%
Ciências e Ciências Aplicadas														8%
Línguas estrangeiras														8%
Tecnologias da Imagem e do Som														8%
Superfície														8%
Artesanato														8%
Percurso														8%
Finanças														8%
Calçado														8%
Forecasting e Coolhunting														8%
After Effects														8%
Pdv e Merchandising														8%
Quadrinho														8%
Urbano														8%
Engenharia														8%
Infodesign														8%
Rendering														8%
Cálculo Diferencial e Integral														8%
Ecodesign														8%
Estatística														8%
Física														8%
Pensamento Teológico														8%
Gerência da Qualidade														8%
Sistemas Estruturais Aplicados														8%
Instituições de Direito e Propriedade														8%
Industrial e Intelectual														8%
Eletrônica														8%
Narrativa														8%
Animação														8%
Imersão														8%
Construção de Cenários e Tendências														8%
Comunitário														8%

Fonte: Pesquisa direta

Das disciplinas mais presentes nas faculdades, a Unidade Acadêmica de Ubá apresenta: Arte, TCC, Atividades Complementares, Introdução ao Projeto, Semiótica, Produto, Ergonomia, Comunicação, Desenho Técnico, Introdução ao Design, História do Design, Materiais e Processos, Economia e Gestão, Metodologia, História e Atualidades da Arte, Representação, Marketing e Cultura. Seu perfil acadêmico possui ausência nas áreas gráficas, 3D e cor, forma e composição.

No âmbito nacional podemos concluir que a Universidade segue os parâmetros e se destaca pela qualidade da Matriz Curricular.

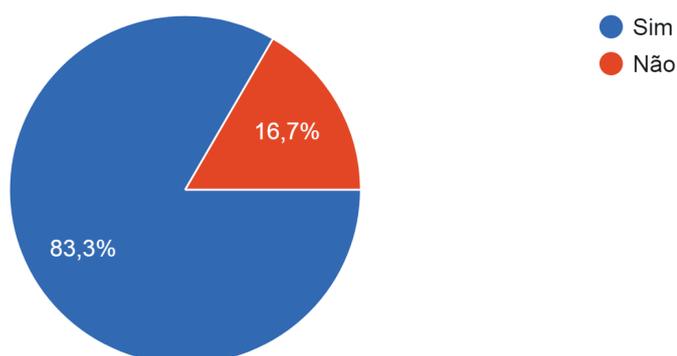
#### 4. O EGRESSO DE DESIGN DA UEMG UBÁ

Concluir que a Unidade segue as necessidades do mercado não significa que o egresso está pronto para o mercado de trabalho, já que em uma universidade a matriz curricular, é uma das diversas questões a serem avaliadas, como o corpo docente, a satisfação em relação ao curso e a instituição. Para isso, foi feita uma análise da atuação profissional de todas as pessoas que já formaram no local. A ideia foi adequar a matriz curricular e o perfil do egresso às exigências do mercado de trabalho, bem como avaliar sua satisfação em relação ao curso e a instituição.

Foram coletadas 60 respostas, para determinar a situação de cada um, de acordo com o questionário. Vale lembrar que as questões abertas foram resumidas por apresentarem respostas de cunho semelhante em sua maioria. Segue abaixo cada uma das perguntas e a média dos resultados:

A maioria dos entrevistados responderam que exercem ou exerceram alguma atividade profissional relacionada a Design.

Gráfico 1: Egressos na atuação do Design.

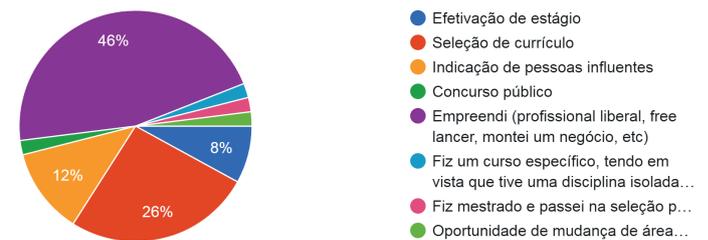


Fonte: Pesquisa direta.

Dentre os que responderam que não exercem a profissão, alguns afirmaram que, apesar de não estarem exercendo a atividade em que formaram, aplicam os conhecimentos aprendidos no curso na vida.

De acordo com o gráfico abaixo o ingresso no mercado de trabalho para 46% dos entrevistados aconteceu por meio de uma atividade empreendedora.

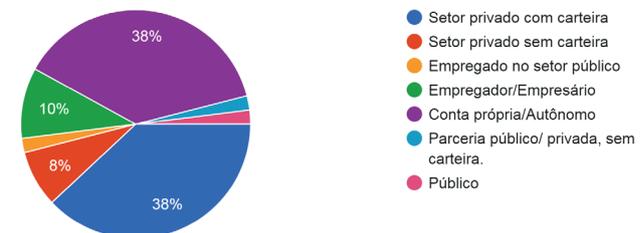
Gráfico 2: Ingresso no trabalho.



Fonte: Pesquisa direta.

E a organização em que exerceram ou exercem atividade se divide entre o setor privado e como profissional autônomo.

Gráfico 3: Tipo de atividade profissional.



Fonte: Pesquisa direta.

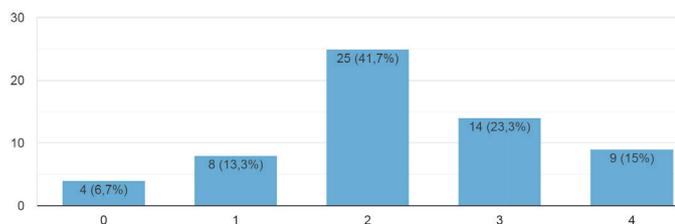
Dentre os conhecimentos da formação em design que os entrevistados mais aplicaram na prática, eles destacam: uma ampla vertente de conhecimentos desde desenvolvimento de projetos em softwares: AutoCad, SolidWorks, Corel, conjuntos de ferramentas, métodos e metodologias, como a análise crítica de produto, estratégias de como aproximar com o cliente, processo projetual, planejamento do processo desde formatar a persona, recolhimento do briefing, elaboração de painéis de estilo e semântico. Também foram apontados como fatores importantes o mapa mental, brainstorm, branding, análise e sínteses de estilos, aplicação de semiótica fazendo ligações entre o briefing e as considerações dos painéis elaborados.

Um outro fator a ser destacado foi o Marketing e o Design Gráfico, descrito pelos egressos,

apesar de não existir uma disciplina com essas finalidades, concordam que aprenderam na Faculdade, apontaram também as gerações de alternativas, com base em desenhos, percepção, forma e cor, levando em conta técnicas de vários processos criativos e inovação. Conhecimentos de processos e materiais adequados, detalhamento técnico, prototipagem, modelagem 3D, análise de mercado, avaliação dos resultados, ações corretivas, acompanhamento do projeto-piloto e aplicação e gerenciamento da linha de produção, seja em série ou personalizada.

Ao serem questionados se sentiam preparados para o mercado de trabalho ao se formarem:

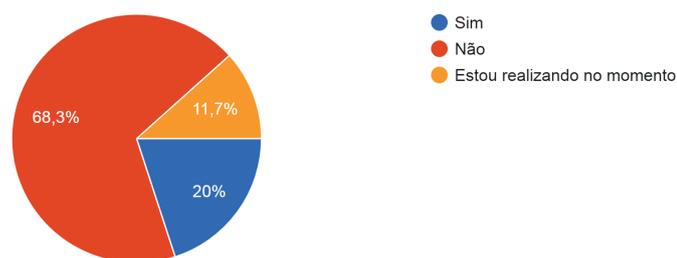
**Gráfico 5: Taxa de preparação ao mercado de trabalho quando formados.**



Fonte: Pesquisa direta.

A pesquisa também quis saber se o egresso continuou seus estudos, cursando uma pós-graduação.

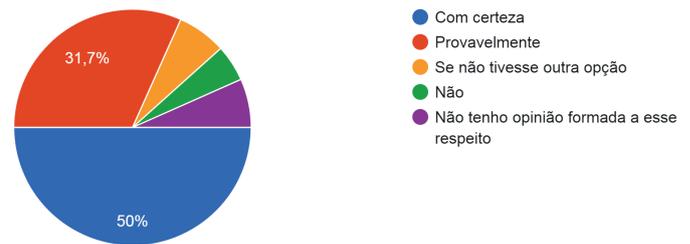
**Gráfico 6: Pós-graduações realizadas dos formandos.**



Fonte: Pesquisa direta.

No quadro abaixo verificamos o percentual de resposta se o egresso escolheria novamente a Universidade do Estado de Minas Gerais de Ubá para realizar o seu curso.

**Gráfico 8: Preferência para fazer o curso de novo.**



Fonte: Pesquisa direta.

A maioria das sugestões são apontadas para a necessidade da prática no mercado de trabalho, levando o aluno a viver experiências, com mais aulas externas, exposição às empresas, mais contato com as organizações da região para facilitar inserção do recém-formado no mercado de trabalho, técnicas de diálogo com cliente, já o que torna o designer diferenciado de outros profissionais, é o foco no usuário.

No campo interno verificou-se a necessidade de mais conteúdo bibliográfico, incentivo e informação para a carreira acadêmica, maior cobrança sobre a linguagem, o inglês, muito cobrado em empresas, conhecimento em software e portfólio, mais rigidez na avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Os egressos solicitaram também, atividades práticas de prototipagem, incentivo ao empreendedorismo, aumento da carga horária e dos projetos de iniciação científica, junto ao estímulo da criatividade e do desenho, em todos os períodos do curso.

A estrutura na faculdade também é um elemento a ser melhorado segundo os egressos, um laboratório para atividades práticas, disciplinas sobre administração financeira, sociologia, antropologia e IA/novas tecnologias. Professores que tenham conhecimento prático de mercado, disciplinas mais específicas e mais áreas de especialização dentro do Design, fora as quatro que a instituição já possui.

Um fator muito pedido é um curso de pós, especialização ou mestrado na unidade, pois não existe opção na região, sendo necessário sair da cidade ou cursar à distância. O lado emocional dos alunos é outra questão a ser explorada, estimular a capacidade dos alunos, que em sua maioria não se sentem preparados, mais um lado psicológico do que técnico com relação à universidade.

Reconhecem o crescimento pessoal proporcionado pela convivência universitária, e consideram apresentar uma nova percepção estética, de projetos e, também, ressaltam ser

uma conquista pessoal a formação acadêmica. Aprenderam também a respeitar opiniões divergentes, expressando criatividade, aguçando o gosto pela área de criação, desenvolvimento e o amor à profissão, com uma capacidade de enxergar com mais clareza e sensibilidade as diversas adversidades do dia a dia.

Portanto, é uma formação pessoal e indispensável, enquanto pensamento crítico, científico e humano. Enquanto agente transformador na sociedade a importância é visível e inquestionável, mesmo para aqueles que não se encontram trabalhando em Design, com uma troca de experiências e opiniões, a aplicação do conhecimento aprendido e inclusivo, foi o diferencial para todos os egressos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, os dados reunidos nessa pesquisa apontam que os egressos do Curso de Design da UEMG de Ubá predominantemente: exerceram alguma atividade profissional relacionada a Design ou aprenderam e usam o conhecimento passado no curso.

No campo de atuação, o empreendimento se destaca, visto que o incentivo e as aulas os preparam para este tipo de trabalho, a seleção de currículo e a ajuda de pessoas influentes se dá pelo fato de a cidade ser pequena, a efetivação de estágio é outro fator que, graças à faculdade, é possível realizar vínculos com empresas da região. Além disso, o tipo de trabalho que exercem é de grande importância, apesar de ser algo novo e das pessoas estarem conhecendo a profissão Design, os egressos, em sua maioria, possuem carteira de trabalho ou são autônomos, buscando sempre a inovação.

O curso foi responsável por aprenderem todas as ações que um bom designer precisa apresentar, desde atividades mais técnicas como programas de computador, desenvolvimento da criatividade e o incentivo a sempre buscar o público-alvo. Compreenderam a importância das etapas e metodologias aplicadas na profissão. Além disso, aprenderam a respeitar e a conviver com as diferenças, a não desistir e a ter força para resolver os problemas.

Apesar de usarem bastante o que foi ensinado durante o curso, a imersão no campo de trabalho é algo que precisavam, já que nos estágios são cobrados vários assuntos que não compreendem. Cursariam a faculdade de novo por todo valor e tradição que a UEMG representa.

Como sugestão ter mais aulas externas, estimular mais a empreender, algumas melhorias na infraestrutura, mais áreas de especialização e um curso de pós, especialização ou mestrado na Unidade.

O curso, segundo o resultado da pesquisa, cumpre a maior parte dos requisitos e as expectativas dos egressos. A Instituição apresenta um número constante de formandos, logo, os desistentes variam entre 10 e 15, todos aqueles que concluíram o curso têm expectativas bem realistas em relação ao mercado de trabalho.

Os resultados do estudo comportam os efeitos da implantação do Projeto Político Pedagógico vigente, porém, o curso está em constante transformação, com o objetivo de responder às insatisfações, como por exemplo, mais ênfases em outras áreas específicas do Design, o Gráfico e de Interiores.

Assim, alguns dos problemas apontados pelos egressos já estão sendo solucionados em sala de aula há pelos dois anos, com a implementação do novo projeto pedagógico e a criação de um curso mais abrangente, em que o aluno faz o seu percurso, baseado em ênfases, a partir do terceiro período. A realização de uma pesquisa semelhante a esta, poderá contribuir para verificação dessas mudanças.

## 6. REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO: A Esdi. Disponível em: <<http://www.esdi.uerj.br/a-esdi/apresentacao>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

APRESENTAÇÃO. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/biad/o-curso/o-curso-2/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

APRESENTAÇÃO. Disponível em: <<https://www2.ufmg.br/design/design2/Apresentacao2/Apresentacao>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

COUTINHO, Taís de Souza Alves. O perfil do egresso em Design da UEMG - Unidade Ubá. 2017. Projeto pedagógico (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e mestrado em Letras) - Universidade do Estado de Minas Gerais, Ubá, 2018.

CURSO de Design - Bacharelado (CAA): Sobre o curso. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/design-bacharelado-cao>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

CURSOS DE GRADUAÇÃO: DESIGN. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/prograd/guiaprofissoes/curso\\_d2.htm](http://www.ufrgs.br/prograd/guiaprofissoes/curso_d2.htm)>. Acesso em: 07 jun. 2018.

D. M. S Lee, E. M. Trauth, D. Farwell, "Critical skills and knowledge requirements of IS professionals: a joint academic/industry investigation", MIS Quarterly, vol. 19, no. 3, september 1995, pp. 313-340.

DESIGN - Estruturas Curriculares. Disponível em: <<http://www.faac.unesp.br/#!/graduacao/cursos/design/grade-curricular/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

DESIGN: Bacharelado. Disponível em: <<https://www.pucpr.br/cursos-graduacao/design/>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

DESIGN: Novo Currículo. Disponível em: <<http://www.esdi.uerj.br/ensino/graduacao/design/novo-curriculo>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

DESIGN: Projeto Pedagógico. Disponível em: <<http://www.uemg.br/cursos.php?id=13>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

DESIGN. Disponível em: <<http://www.uemg.br/cursos.php?id=13>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

DESIGN. Disponível em: <<https://www.espm.br/graduacao/sao/sao-design/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

DISCIPLINAS por ordem cronológica. Disponível em: <<https://www2.ufmg.br/design/design2/Apresentacao2/Atividades-Academicas/Disciplinas/Disciplinas-por-ordem-cronologica>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

ESTRUTURA CURRICULAR. Disponível em: <<http://www.design.ufc.br/ensino/grade-curricular/>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

ESTRUTURA curricular. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/biad/o-curso/organizacao-didatico-pedagogica/estrutura-curricular/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

FACULDADE de Arquitetura e Urbanismo: Curso: Design. Disponível em: <<https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/Curricular?codcg=16&cod-cur=16100&codhab=4&tipo=N>>. Acesso em: 02 jul. 2018.

GRADUAÇÃO em Design. Disponível em: <<http://www.arq.ufmg.br/site/v2/index.php/ensino/cursos/graduacao/design/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

MATRIZ Curricular: CURRÍCULO. Disponível em: <<http://design.ufsc.br/matriz-curricular/>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

MATRIZ Curricular. Disponível em: <<https://www.pucsp.br/graduacao/design#matriz-curricular>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

Mosaico Social. Revista do Curso de Ciências Sociais da UFSC. Ano VI, n. 06 – 2012: 347-386. (<http://cienciassociais.ufsc.br/files/2015/03/Artigo-213.pdf>)

PERFIL do egresso. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/biad/o-curso/perfil-do-egresso/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

QUESTIONÁRIO para alunos já formados (Egressos): Esta pesquisa está sendo aplicada a ex-alunos do Centro Universitário do Cerrado de Patrocínio-Unicerp. Disponível em: <<http://www.unicerp.edu.br/ensino/egresso/egresso.html>>. Acesso em: 07 jun. 2018.

# **MEDIAÇÃO EXTRAJUDICIAL: UM CAMINHO PARA RESULTADOS POSITIVOS E EFICAZES SEM JUDICIALIZAÇÃO**

## **EXTRAJUDICIAL MEDIATION: A WAY TO POSITIVE AND EFFECTIVE RESULTS WITHOUT JUDICIALIZATION**

Bruna Eler Gonçalves<sup>1</sup>  
Alexandre Jacob<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo trata de Direito Processual Civil e a mediação de conflitos em sua forma extrajudicial. Analisa a evolução histórica do processo de mediação, bem como conceitos, diferenças entre os meios de autocomposição, sendo a mediação, conciliação e arbitragem. Objetiva também detalhar o papel do mediador, a figura que presidirá a seção de mediação, tal qual as técnicas utilizadas pelo mesmo, afim que induzir às partes que, com dialogo pacifico, cheguem a uma solução à lide. Principalmente entender, por meio de levantamento bibliográfico, entrevistas a profissionais da área e civis que responderão a um questionário, os benefícios que a mediação extrajudicial oferece. Conclui, após a análise dos dados, que muitas são as vantagens advindas da aplicação da mediação como meio alternativo à judicialização, desde a resolução do conflito, o ruído de comunicação de foi instaurado, até a mudança e evolução pessoal dos envolvidos.

**Palavras-chave:** Direito processual civil. Mediação. Solução de conflitos. Judicialização. Autocomposição.

**ABSTRACT:** The article deals with civil procedural law and the mediation of conflicts in its extrajudicial form. It analyzes the historical evolution of the mediation process, as well as concepts, differences between the means of self-composition, being mediation, conciliation and arbitration. It also aims to detail the role of the mediator, the figure that will preside over the mediation section, just like the techniques used by the mediator, in order to induce the parties that, with peaceful dialogue, come to a solution to the deal. Mainly understand, through bibliographic survey, interviews with professionals in the area and civilians who will answer a questionnaire, the benefits that out-of-court mediation offers. It concludes, after the analysis of the data, that many are the advantages departing from the application of mediation as an alternative means to judicialization, from the resolution of the conflict, the communication noise was established, until the personal change and evolution of those involved.

**Keywords:** Civil procedural Law. Mediation. Conflict resolution. Judicialization. Self- composition.

<sup>1</sup> Discente em Direito. Faculdade Alfa Unipac Aimorés-MG. E-mail: brunaeler\_g@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente. Faculdade Alfa Unipac Aimorés-MG. E-mail: alexandre.jacob10@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre a mediação, uma das formas de resolução de conflitos, esmiuçando detalhes de seu mecanismo e técnicas utilizadas visando à restauração e preservação da cultura de paz entre as pessoas. Em especial seu principal objetivo: permitir que as partes construam, de forma respeitosa e segura e por meio de diálogo pacífico, alternativas que atendam às suas necessidades, o que só se torna possível com o auxílio de um mediador, a quem incumbe atuar de forma neutra e imparcial, criando ambiente que facilite aos mediados encontrarem, ao seu modo e dentro de suas possibilidades, solução para a situação que se apresenta sob conflito.

O Código de Processo Civil prevê a mediação como parte do procedimento judicial (BRASIL, 2015), contudo, não se pode negar que se trata de um mecanismo eficaz de autocomposição também no âmbito extrajudicial. Afinal, por meio de várias etapas da mediação e técnicas aplicadas, as pessoas envolvidas poderão chegar a um consenso não apenas sobre o bem móvel ou imóvel em discussão, mas também sobre pendências afetivas e emocionais, resgatando, assim, a vivência em harmonia outrora rompida, em geral nas relações continuadas.

Nesse diapasão, os interessados poderão transformar um momento difícil em fator de propulsão buscando, por meio da própria transformação pessoal, o caminho da felicidade. É inegável que, de um modo geral, existe e persiste entre os brasileiros a cultura da judicialização, o que dificulta a implantação de métodos alternativos para solução pacífica de conflitos e resolução de interesses, como a mediação extrajudicial. Muitas vezes, ainda que pequena a importância (valor financeiro) do bem disputado, as pessoas já se esquivam de um bom diálogo e logo iniciam um processo judicial, levando o Poder Judiciário a uma análise sem fim de pequenas causas que poderiam ser resolvidas contando com apenas um pouquinho de bom senso de ambas ou de pelo menos uma das partes interessadas.

Várias são as causas que poderiam ser evitadas e muitos são os conflitos de interesses que poderiam ser resolvidos se tivessem as partes a oportunidade de manter um bom e respeitoso diálogo, o que evitaria que pequenas ações levassem anos para serem resolvidas, além de trazer economicidade aos cofres públicos. Sem contar ainda que nem sempre uma sentença procedente é garantia

de realização e efetividade de justiça. Daí que a mediação surge como alternativa capaz de diminuir a litigiosidade, trazendo não somente a solução para alguns conflitos, mas também proporcionando às pessoas crescimento pessoal e emocional a partir do momento que percebem que elas mesmas são capazes de encontrar uma solução para eventual desavença que lhes aflige.

Entender como funciona a mediação, quais os métodos utilizados e qual a eficácia dos resultados alcançados é de suma importância para a propagação deste método, que já é reconhecido por muitos estudiosos como mecanismo capaz de proporcionar acesso rápido à efetivação de justiça de qualidade, de maneira eficaz e sem grandes despesas, além de evitar enorme desgaste emocional das partes envolvidas.

Neste contexto, a pesquisa visa responder ao seguinte problema: quais os benefícios alcançados com a mediação como método de resolução de conflitos sem judicialização? A hipótese é que os benefícios advindos da mediação sejam inúmeros, começando no micro fato de se tentar resolver uma questão, em geral econômica, para, ao final, alcançar a questão macro, que é a resolução amigável do chamado “ruído de comunicação”, que muitas vezes acabam por tornar os envolvidos em pessoas amargas e sem esperança.

A pesquisa tem como objetivo analisar os benefícios alcançados com a mediação como alternativa à judicialização. Para atingir esse objetivo é necessário estudar a legislação aplicada à mediação e os conceitos relacionados a essa prática; relacionar a mediação com as outras formas de resolução de conflitos existentes no ordenamento jurídico brasileiro; elencar pontos positivos e negativos da implantação do método; levantar a opinião de operadores do Direito e beneficiários do método; destacar os benefícios como alternativa à judicialização.

Trata-se de pesquisa descritiva e exploratória, de cunho bibliográfico, sendo fontes primárias a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), o Código de Processo Civil (2015) e a Lei da mediação (2015) e secundárias as obras de Daniel Amorim Assumpção Neves (2018), Bruno Takahashi e outros (2019), Patrícia Pereira Neves (2019), e André Gomma de Azevedo e outros (2016), dentre outros, além de pesquisas nos sítios oficiais dos tribunais superiores e artigos de opinião sobre o tema.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. EVOLUÇÃO DOS MEIOS ALTERNATIVOS À JUDICIALIZAÇÃO

É sabido por todos que conflitos e disputas ocorreram durante toda a história, em qualquer tempo, lugar e cultura, e que também houve a necessidade de solução desses conflitos, fosse por negociação, intervenção de terceiros, batalhas ou guerras. E quanto aos meios alternativos de resolução desses conflitos acredita-se que também não foi diferente, sendo utilizado, desde os primórdios, mecanismos que pudessem (ou pelo menos tentassem) resolver de forma mais branda disputas de interesses entre as partes que não tivessem alcançado êxito sozinhas. Há relatos de utilização de meios de autocomposição mesmo nas narrações bíblicas, contudo, remonta que meios alternativos de resolução de conflitos foram usados muito antes da história escrita, ainda que em outro contexto. A título de exemplo, há milhares de anos a mediação já é utilizada na China e no Japão como método original na resolução de conflitos, não sendo sequer apontada como meio alternativo, mas sim como o principal caminho a ser seguido (FALECK; TARTUCE, 2016).

Para os juristas Diego Faleck e Fernanda Tartuce (2016), na China o método pautava-se na visão do grande filósofo e pensador chinês Confúcio, que viveu no século V a. C., e que defendia a harmonia natural e a resolução do conflito, não pela via da coerção, mas por atos de moralidade, tradição que se enraizou na cultura chinesa e perdura até os dias atuais. No Japão, primariamente utilizavam a conciliação como meio a solucionar os conflitos entre os aldeões, que também operavam como mediadores. Tal estilo japonês priorizava a manutenção das relações, já que ligações no mundo dos negócios demandavam muito tempo para ser consolidadas.

Salienta-se que a solução informal de conflitos, aplicando meios alternativos, não se limitou ao Oriente, sendo também identificados em muitas outras localidades e culturas, como tribos africanas, pescadores escandinavos e em kibutz israelitas havendo, em comum, que todos primavam pela harmonia e pela paz, indo de oposto aos litígios e aos conflitos sem nenhuma perspectiva de solução que pusesse fim ao dilema e trouxesse felicidade às partes, conforme citam Faleck e Tartuce (2016).

Narrado o surgimento histórico dos meios alternativos, houve um momento em que os

poderes de decisão sobre os litígios concentraram-se exclusivamente nas atribuições do Poder Judiciário, momento em que, nos Estados Liberais, durante os séculos XVIII e XIX, o acesso à Justiça resumia-se no direito formal do indivíduo propor ou contestar uma demanda. Somente mais tarde os meios de autocomposição passaram a ser considerados novamente, voltando à sua aplicação na busca por soluções amigáveis de conflitos de interesses.

No Brasil há dados sobre a utilização dos meios de autocomposição antes mesmo da sua independência, visto que existiam normas estabelecendo a conciliação, momento em que era ordenado ao Juiz que se juntasse às partes, ainda no início da demanda, para aconselhá-las e, todos juntos, tentassem chegar a um acordo (SILVA, 2015).

De forma similar a Constituição do Império em 1824, também adotando os meios de autocomposição, estabeleceu que nenhuma demanda se iniciaria sem que antes ocorresse uma sessão de conciliação, conforme explicitamente escrito no artigo 161 daquele texto constitucional, onde existia a figura dos Juizes de Paz, sendo uma de suas atribuições presidir as reuniões em busca de solução amigável dos interesses opostos (BRASIL, 1924).

Anos depois, o Decreto nº. 737 (BRASIL, 1850), que foi considerado o primeiro Código Processual estruturado em terras brasileiras, também assegurava no artigo 23 que nenhuma causa comercial seria proposta em juízo sem que previamente houvesse uma tentativa de resolução pacífica do conflito.

Contudo, mesmo as normas cogentes, que determinavam a utilização dos meios de autocomposição antes da instauração da demanda em juízo, não foram suficientes para incentivar a aplicação desses métodos, resultando na extinção da fase preliminar de negociação pelo Decreto nº. 359 (BRASIL, 1890), já na fase republicana brasileira, sob o fundamento de que esse procedimento era oneroso e desnecessário (SILVA, 2015) e uma vez que consistia no ato de obrigar as partes a comparecerem em Juízo, o que por si só já frustrava qualquer perspectiva de acordo. Viu-se, desde aquele momento, que as conciliações perante o Juízo de Paz, em sua maioria, só eram bem-sucedidas quando as próprias partes decidiam comparecer para uma audiência de conciliação por livre e espontânea vontade.

Posteriormente, as Constituições de 1937 e 1946 retornaram com a ideia de audiências de conciliação, sendo incentivadas na Justiça de Paz do Império. Desse modo novamente surgiram os conciliadores e juízes temporários, o que hoje se consolida nos Juizados Especiais, estabelecidos no artigo 98 da CRFB/1988 e na Lei nº. 9.099/1995 (SILVA, 2015).

No Brasil observa-se também que desde a criação da legislação trabalhista a tentativa de conciliação pelas partes tem sido incentivada. À vista disso nota-se que nesta Justiça especializada há busca constante da possibilidade de se dissolver a cultura do litígio e, em seu lugar, disseminar a resolução pacífica de conflitos. Contudo, o Poder Judiciário brasileiro ainda se encontra saturado de demandas que seriam facilmente resolvidas se as partes ponderassem os benefícios que a mediação pode proporcionar-lhes, deixando de lado o viés de que apenas uma demanda judicial resolveria os seus problemas.

## 2.2. A MEDIAÇÃO E SUAS PECULIARIDADES

Adentrando especificamente no tema proposto, necessário se faz diferenciar a mediação judicial da extrajudicial, no sentido de que a judicial ocorre como parte do processo judicial, de forma preliminar quando, assim que recebida a inicial, o juiz designa audiência para a tentativa de acordo, cuja sessão será dirigida por um mediador judicial, graduado há pelo menos dois anos em curso de ensino superior e capacitado por instituição reconhecida pela Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados (ENFAM) ou pelos Tribunais, com o intuito de proporcionar às partes mais uma chance de, juntas, enxergarem uma solução para o seu litígio (NEVES, 2019).

Por sua vez, a mediação extrajudicial ocorre totalmente fora âmbito judicial, quando as próprias partes – com *animus* de dissolver o litígio de uma maneira rápida e pacífica - buscam a figura do mediador, possibilitando que este conduza a sessão e aplique as técnicas de conversação e pacificação, facilitando às partes chegarem a um acordo que seja salutar para ambos e preservando sobremaneira, o máximo possível, o relacionamento entre os envolvidos. O mediador extrajudicial poderá ser qualquer pessoa que tenha a confiança das partes e seja capacitada para fazer mediação, independentemente de integrar qualquer tipo de conselho, entidade de classe ou associação (TAKAHASHI et al, 2019).

Outro ponto relevante a ser abordado é a distinção entre os seguintes meios de autocomposição: mediação, conciliação e arbitragem. Enquanto a mediação é realizada por mediador, podendo ocorrer na via judicial ou extrajudicial, a conciliação ocorre na esfera judicial na presença de um conciliador, e a arbitragem consiste em partes que, de comum acordo, submetem a solução de seus conflitos a árbitros por elas escolhidos, devendo o litígio recair apenas sobre direitos patrimoniais disponíveis. À luz dos ensinamentos de Daniel Assumpção Neves (2019) pode-se perceber a diferença existente entre conciliação e mediação, conforme artigo 165, §§ 2º e 3º do Código de Processo Civil:

*O conciliador deve atuar preferencialmente nos casos em que não tiver havido vínculo anterior entre as partes. Significa dizer que a conciliação é mais adequada aos conflitos de interesses que não envolvam relação continuada entre as partes, que passaram a manter um vínculo justamente em razão da lide instaurada, como ocorre numa colisão de veículos. Ou ainda para aquelas partes que têm uma relação anterior pontual, tendo a lide surgido justamente desse vínculo, como ocorre num contrato celebrado para a compra de um produto ou para a prestação de um serviço. Já o mediador deve atuar preferencialmente nos casos em que tiver havido liame anterior entre as partes. São os casos em que as partes já mantinham alguma espécie de vínculo continuado antes do surgimento da lide, o que caracteriza uma relação continuada e não apenas instantânea entre elas, como ocorre no direito de família, de vizinhança e societário (NEVES, 2019, p. 65).*

A Lei nº. 13.140 de 2015, regula os procedimentos a serem seguidos no contexto de mediação extrajudicial (artigo 9º) e judicial (artigo 11), versando também sobre princípios que a regem e ainda acerca da figura do mediador. A mediação extrajudicial inicia-se por vontade dos envolvidos ou mesmo de forma unilateral. A intimação para a sessão pode ser feita por qualquer meio de comunicação, momento em que se define a data, o local e a hora para a primeira reunião.

Considera-se rejeitado o convite caso não haja um retorno da outra parte pelo prazo de 30 dias contados a partir do recebimento do convite. Importante frisar que ninguém é obrigado a

estar ou permanecer em uma reunião. Havendo previsão contratual de mediação a mesma conterà os seguintes tópicos, conforme o artigo 22 da Lei nº. 13.140/2015:

I – *Prazo mínimo e máximo para a realização da primeira reunião de mediação, contado a partir da data de recebimento do convite;*

II – *Local da primeira reunião de mediação;*

III – *Critérios de escolha do mediador ou equipe de mediação;*

IV – *Penalidade em caso de não comparecimento da parte convidada à primeira reunião de mediação (BRASIL, 2015b).*

E, conforme o § 2º do mesmo artigo, não havendo previsão contratual completa, deverão ser observados os seguintes critérios para a realização da primeira reunião de mediação:

I – *Prazo mínimo de dez dias úteis e prazo máximo de três meses, contados a partir do recebimento do convite;*

II – *Local adequado a uma reunião que possa envolver informações confidenciais;*

III – *Lista de cinco nomes, informações de contato e referências profissionais de mediadores capacitados; a parte convidada poderá escolher, expressamente, qualquer um dos cinco mediadores e, caso a parte convidada não se manifeste, considerar-se-á aceito o primeiro nome da lista*

IV – *O não comparecimento da parte convidada à primeira reunião de mediação acarretará a assunção por parte desta de cinquenta por cento das custas e honorários sucumbenciais caso venha a ser vencedora em procedimento arbitral ou judicial posterior, que envolva o escopo da mediação para a qual foi convidada (BRASIL, 2015b).*

Presidirá a reunião quem for nomeado pelas partes, sendo este o mediador, devendo dotar-se de técnicas e métodos de mediação bem como ser imparcial diante dos fatos, de modo a apenas facilitar o diálogo durante a sessão. Os mediados podem estar acompanhados de advogados (artigo 10 da mencionada lei). Estando apenas uma das partes amparada por profissional habilitado o mediador deverá suspender o procedimento até que todas estejam devidamente assistidas (parágrafo único do artigo 10).

Caso esteja em curso um processo judicial a mediação extrajudicial ainda será possível, tramitando as duas situações de maneira independente. Sabendo o Juiz da propositura da demanda extrajudicial o mesmo poderá suspender

o curso do processo judicial, conforme artigo 694, parágrafo único do Código de Processo Civil, até que se defina a questão no âmbito extrajudicial. Havendo êxito nesta esfera as partes informarão ao Juízo da demanda, por meio de documento hábil, as tratativas firmadas na mediação extrajudicial, momento em que o processo judicial será extinto com resolução de mérito face à sentença homologatória de autocomposição exarada nos autos pelo Juiz da causa (NEVES, 2019).

A mediação extrajudicial ocorre com o intuito de dar celeridade ao Poder Judiciário, já que muitas demandas a este submetidas, por mais simples que sejam, exigem tempo para serem resolvidas. Também esta nova modalidade de solução de conflitos garante às partes economia de tempo e dinheiro, eis que menos onerosa e mais rápida, além de proporcionar menor desgaste psicológico e emocional aos envolvidos.

Outra característica da mediação extrajudicial é que, em geral, ela ocorre para dirimir conflitos entre pessoas que mantêm relações continuadas, ou seja, entre pessoas que possuem vínculo anterior ao litígio o que exige - para melhor convivência após a reunião com o mediador - seja encontrada uma solução harmônica para ambos, pois muito provavelmente continuarão a viver próximas umas das outras ao findar a sessão de mediação, como por exemplo marido e esposa, vizinhos, parentes ou outras pessoas que convivam de maneira próxima cotidianamente.

Considera-se também que a mediação transcende ao simples fato de resolver a questão, ensejando principalmente a necessidade de se descobrir quando surgiu verdadeiramente o conflito, ou seja, quando ocorreu o chamado “ruído de comunicação” que culminou senão totalmente, mas pelo menos com um abalo na convivência até então mantida de maneira harmoniosa entre as partes. Logo, a mediação tende a estimular aos participantes que entendam ser eles pessoas capazes de resolver seus próprios atritos, prezando pela convivência pacífica e conseqüentemente por uma vida em paz e feliz (PERPETUO et al, 2018).

É prudente ter em mente que uma sessão de mediação tem hora para começar, mas não tem hora para terminar, podendo inclusive estender-se para sessões posteriores se a demanda for de maior litigiosidade e requerer ouvir mais pessoas separadamente para a busca da solução do conflito. Caberá ao mediador facilitar a comunicação entre as partes e fazer com que, durante a sessão, elas

estejam num ambiente propício à tranquilidade da mente e à paz de espírito para chegarem a um acordo que seja proveitoso para cada uma delas (LEITE; PEREIRA, 2017).

Sendo a demanda concluída com êxito realizar-se-á uma espécie de ata/contrato, com natureza de título extrajudicial por ter valor legal, que conterà todas as tratativas firmadas na mesa de acordo, como condições, prazos, valores, providências a serem tomadas por uma ou outra parte, ou por ambas, além do compromisso de que as partes darão fiel cumprimento ao que foi acordado e estando as partes, na maioria das vezes, em pleno acordo e com real satisfação do que fora firmado na mesa de negociação, perante o mediador.

Não sendo frutífera a sessão, e não firmado o acordo, também será assinada uma ata informando a falta de consenso durante a sessão podendo, se for vontade das partes, a demanda ser iniciada no Poder Judiciário, ou nele prosseguir caso já exista ação judicial (AZEVEDO, 2016).

Conforme disposto no artigo 2º da Lei n.º 13.140 de 2015, a mediação será norteadada pelos seguintes princípios:

Imparcialidade do mediador, atuando de forma neutra, sem apresentar soluções, nem interesse, apenas facilitando a conversação; isonomia entre as partes, ou seja, as partes devem ser tratadas de forma igualitária; oralidade, que mostra a necessidade e eficácia da comunicação, uma vez que em procedimentos onde se prioriza a oralidade, há maior possibilidade de diálogo e comunicação direta entre as partes, consequentemente maiores chances de negociações positivas, o que é dificultado em propostas escritas, o que é dito deve ser ouvido e compreendido; informalidade, diz respeito à falta de normas e procedimentos que regulem as sessões, gerando conforto e liberdade aos envolvidos; autonomia da vontade das partes, como liberdade de decisões que versam sobre o conflito, sendo os mediados os protagonistas; busca do consenso, o resultado deve ser satisfatório a ambos, não havendo “vencedor ou perdedor”; confidencialidade, diz respeito ao sigilo de informações e todos os registros feitos durante a sessão; boa-fé, uns dos pilares do sucesso da mediação, visa a honestidade, lealdade e sinceridade (TAKAHASHI et al, 2019).

### 2.3. O MEDIADOR E SUAS ATRIBUIÇÕES

Salienta-se, para maior clareza do texto, a diferença entre o mediador judicial e o mediador extrajudicial. O que atua em âmbito judicial tem a necessidade de ser capacitado por uma instituição filiada ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ), já o outro tem maior liberdade para sua capacitação podendo, em razão disso, ter campo de atuação diferente do mediador judicial.

O artigo 9º da Lei n.º 13.140 de 2015 define que poderá ser mediador extrajudicial qualquer pessoa capaz, devidamente capacitada, que tenha a confiança das partes, mesmo que não seja integrante de qualquer conselho, entidade de classe ou associação (BRASIL, 2015b). É prudente que mediadores estejam continuamente buscando processo de aperfeiçoamento e evolução para aplicação das técnicas durante uma sessão de mediação.

A principal função do mediador é facilitar a comunicação entre as partes, restaurando a paz para a manutenção de um bom diálogo, além de orientar os mediados nos caminhos a serem seguidos durante a sessão até a identificação da causa do conflito. Desta forma os próprios envolvidos serão capazes de enxergar a situação posta e chegar a um consenso de forma respeitosa e eficaz (AZEVEDO, 2016).

Dotado de capacidade técnica e estratégias de negociação e comunicação é imprescindível que o mediador, caso tenha formação superior no curso de Direito, abstenha-se de aconselhar juridicamente as partes durante as reuniões. É além do conhecimento das técnicas e modo de empregá-las, um bom mediador deverá ter experiência e treinamento adequado para a condução dos trabalhos durante a sessão e o alcance da resolução pacífica do conflito.

Importante destacar que os mediadores se submetem às mesmas regras de impedimentos e suspeição impostas aos Juizes, e elencadas nos artigos 144 e 145 do Código de Processo Civil:

Art. 144 Há impedimento do juiz, sendo-lhe vedado exercer suas funções no processo:

I – Em que interveio como mandatário da parte, oficiou como perito, funcionou como membro do Ministério Público ou prestou depoimento como testemunha;

II – De que conheceu em outro grau de jurisdição, tendo proferido decisão; III – Quando nele estiver postulando, como defensor público, advogado ou membro do Ministério Público, seu cônjuge ou

companheiro, ou qualquer parente, consanguíneo ou afim, em linha reta ou colateral, até o terceiro grau, inclusive;

IV – Quando for parte no processo ele próprio, seu cônjuge ou companheiro, ou parente, consanguíneo ou afim, em linha reta ou colateral, até o terceiro grau, inclusive;

V – Quando for sócio ou membro de direção ou de administração de pessoa jurídica parte no processo;

VI – Quando for herdeiro presuntivo, donatário ou empregador de qualquer das partes;

VII – Em que figure como parte instituição de ensino com a qual tenha relação de emprego ou decorrente de contrato de prestação de serviços;

VIII – Em que figure como parte cliente do escritório de advocacia de seu cônjuge, companheiro ou parente, consanguíneo ou afim, em linha reta ou colateral, até o terceiro grau, inclusive, mesmo que patrocinado por advogado de outro escritório;

IX – Quando promover ação contra a parte ou seu advogado.

§1º Na hipótese do inciso III, o impedimento só se verifica quando o defensor público, o advogado ou o membro do Ministério Público já integrava o processo antes do início da atividade judicante do juiz.

§2º É vedada a criação de fato superveniente a fim de caracterizar impedimento do juiz.

§3º O impedimento previsto no inciso III também se verifica no caso de mandato conferido a membro de escritório de advocacia que tenha em seus quadros advogado que individualmente ostente a condição nele prevista, mesmo que não intervenha diretamente no processo.

Art. 145 Há suspeição do juiz:

I – Amigo íntimo ou inimigo de qualquer das partes ou de seus advogados;

II – Que receber presentes de pessoas que tiverem interesse na causa antes ou depois de iniciado o processo, que aconselhar alguma das partes acerca do objeto da causa ou que subministrar meios para atender às despesas do litígio;

III – Quando qualquer das partes for sua credora ou devedora, de seu cônjuge ou companheiro ou de parentes destes, em linha reta até o terceiro grau, inclusive;

IV – Interessado no julgamento do processo em favor de qualquer das partes.

V §1º Poderá o juiz declarar-se suspeito por motivo de foro íntimo, sem necessidade de declarar suas razões.

VI §2º Será ilegítima a alegação de suspeição quando: I – Houver sido provocada por quem a alega;

VII II – A parte que a alega houver praticado ato que signifique manifesta aceitação do arguido (BRASIL, 2015a).

Embora muitas vezes ligadas diretamente à sua própria personalidade, as características de um mediador são importantes pontos que devem ser observados com bastante atenção.

Primordialmente, o mediador deve ser dotado de total imparcialidade, sendo assim chamado de terceiro neutro. Logo, não poderá optar em hipótese alguma em direção de qualquer uma das partes, nem definir qual o melhor caminho a ser seguido pelos mediados, bem como não deliberará sobre o objeto tratado, devendo manter sempre o equilíbrio e a coerência durante a sessão, o que acarreta automaticamente outras características, como exemplo a confidencialidade e a confiabilidade para que possa transmitir às partes segurança com relação ao seu comportamento. Bem como tenacidade, conhecimento, capacidade, flexibilidade e sensibilidade (LEITE; PEREIRA, 2017).

O mediador também deve ter paciência para ouvir e entender cada lado e para apaziguar possíveis acaloramentos, deve ter criatividade e leveza para lidar com certas situações, ter e demonstrar conhecimento vasto, vivência, prática, perspicácia e destreza para o bom desempenho dos trabalhos, características essas que certamente contribuirão para encerramento da sessão com êxito e fechamento de acordo satisfatório para ambas as partes.

#### 2.4. ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS DOS MÉTODOS DE AUTOCOMPOSIÇÃO

Devido ao acelerado processo de transformação das relações pessoais e comerciais, em geral provocado pelo avanço da tecnologia, impossível negar a intensificação do número de conflitos, o que justifica a existência de mais de 100 (cem) milhões de ações judiciais que tramitam no Judiciário brasileiro (COÊLHO, 2017). Contudo, o principal causador de tal congestionamento não é o Poder Judiciário em si, e nem as regras processuais, mas sim a cultura do processo imposta às pessoas, dominadas que são pela prática recorrente de priorização do litígio em vez de busca de solução rápida e amigável para suas demandas numa esfera extrajudicial, como por exemplo, a mediação.

Muitos brasileiros ainda desconhecem a prática e os benefícios advindos dos métodos alternativos de resolução de conflitos, chamados de autocomposição. Trata-se de resoluções céleres e econômicas e que, por serem fomentadas pelas próprias partes, munidas da vontade de resolver o conflito, aumentam as chances de sucesso permitindo que os envolvidos findem o período das reuniões de autocomposição com índice de satisfação quase total (PERPETUO et al, 2018).

Importante registrar que a busca pela mediação extrajudicial, diferente dos processos que tramitam na esfera judicial, ainda evita enorme desgaste emocional e psicológico, além de proporcionar às partes economia de tempo e dinheiro.

Um ponto negativo que ainda assola os mecanismos de auto composição, seja a mediação, a conciliação ou a arbitragem, é a ínfima disseminação desses institutos para conhecimento geral. Pouco é falado e mostrado à população brasileira sobre a eficiência de tais métodos e o grande alcance que os mesmos possuem para a solução de um conflito, sendo favorável, rápido, proveitoso e de baixo custo sem envolver as vias judiciais (COELHO, 2017).

Também a lei que rege a mediação demonstra um fator negativo por apresentar certa controvérsia uma vez que, embora apresente a mediação como parte do processo visando desafogar o Judiciário, não deixou clara a obrigatoriedade de realização da sessão logo no liminar do processo, embora se apresente como uma grande alternativa para finalização e encerramento do processo sem o árduo caminho que, via de regra, tende-se a percorrer na esfera judicial. Tivesse a Lei nº. 13.140 definido melhor esta possibilidade, evitaria que vários conflitos simples ou de fácil solução fossem protocolados todos os dias no Poder Judiciário.

### 3. PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

#### 3.1. A MEDIAÇÃO COMO ALTERNATIVA VIÁVEL À JUDICIALIZAÇÃO

Apesar da presunção de que a mediação pode (ou deve) ser aplicada apenas em pequenas causas, como lides familiares, trabalhistas ou de empresas de pequeno porte, esse meio de autocomposição também é capaz de alcançar bons resultados em demandas que envolvam disputa de poderosos empresários em torno de bens de grande monta.

A título de exemplo, o caso do administrador e empresário brasileiro Abílio Diniz, que tinha participações no Grupo Pão de Açúcar, no ano de 2011, e as vendeu ao Grupo francês Casino, contudo continuaria como presidente do Conselho de Acionista (SOLBERG, 2021). Porém, após muitos desentendimentos e desavenças entre Abílio e presidente-executivo do Casino, o francês Jean-Charles Naouri, ambos se enfrentavam em uma profunda ação judicial e em outros dois processos internacionais de arbitragem, situações que já perdurava mais de dois anos, sem nenhuma previsão de solução aos conflitos.

Após demasiados desgastes, mental e financeiro, visto que se estima que mais de 500 milhões de reais já haviam sido consumidos na disputa (MELLO, 2021), Abílio e sua família resolveram buscar conceituado especialista em resoluções pacíficas de conflitos, o americano William Ury, intermediador de tensos debates entre Hugo Chávez e opositores na Venezuela, russos e chechenos, árabes e israelenses, dentre outros conflitos (VALIM, 2017), a fim de solicitar assistência e solver a disputa com o Grupo Casino.

Após conversas individuais com as partes, com o intuito de entender as intenções de cada um, o mediador William Ury, participou de conversas com ambos litigantes. Logo após, e com apenas 4 (quatro) dias de mais reuniões e debates, uma solução que atendia a todos foi firmada. Um conflito que possivelmente se estenderia por mais 8 anos em tramite, e eventualmente uma parte frustrada, havia chegado ao fim. Abílio vendeu o restante de suas ações, deixando, assim, de ser sócio do Grupo Pão de Açúcar, podendo gerir descansado seus outros empreendimentos (MELLO, 2021).

Vê-se, portanto, que entender e compreender como funciona a mediação é o principal caminho para aceitar sua eficácia. Celeridade e economicidade são um dos principais benefícios adquiridos pelos envolvidos, sem citar, que, como as próprias partes constroem a solução do problema de forma conjunta a possibilidade de alcançarem um resultado que atenda perfeitamente às necessidades dos envolvidos é praticamente de cem por cento dos números de casos levados à mediação.

Observa-se, como no caso citado, que ainda em lides que se presumiriam insolúveis, apenas com um bom e cortês diálogo pode-se chegar a uma solução adequada e interessante a todos, de forma rápida e com resultados plenamente possíveis de serem alcançados, resgatando a paz social e o estado de felicidade das próprias pessoas.

### 3.2. A PERCEPÇÃO JURÍDICA E SOCIAL

A título de coleta de dados foi disponibilizado um formulário pela plataforma Google Forms® entre os dias 31 de maio a 14 de junho de 2021, cujo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontra-se anexo (Anexo 1), com objetivo de explorar e analisar como civis leigos e operadores do Direito que não atuam com a mediação entendem e abordam o assunto, bem como foram distribuídos questionários para três operadores do Direito que manejam as técnicas de mediação.

Após disponibilizado o formulário on-line para o público-alvo que não atua diretamente com a mediação 147 (cento e quarenta e sete) pessoas se voluntariaram a responder, sendo elas 38,1% (56) do gênero masculino e 61,9% (91) do gênero feminino. Faixa etária, 64,6% (95) com idade entre 18 e 25 anos, 21,1% (31) entre 26 e 35 anos, 8,8% (13) entre 36 e 50 anos e 5,4% (8) acima de 50 anos. Escolaridade, 39,5% (58) dos entrevistados possuem ensino superior incompleto, 34% (50) possuem ensino superior completo, 23,8% (35) possuem ensino médio completo e 2,7 (4) possuem ensino médio incompleto.

Dos 147 sujeitos entrevistados, 79,6% (117) nunca figuraram em uma demanda, e 20,4% (30), disseram já ter atuado como parte em algum processo judicial.

Quando questionados se já ouviram falar sobre os meios de autocomposição (mediação, conciliação e arbitragem), 70,1% (103) dos participantes disseram que sim, e 29,9% (44) marcaram que não. Nesse ponto, observa-se que, ainda que mais de 70% dos participantes tenham conhecimento dos métodos de autocomposição, 44 participantes (quase 30%) lamentavelmente ainda não possuem noções de métodos de resolução pacífica de conflito.

Quando questionados sobre terem conhecimento sobre a mediação em sua forma extrajudicial, 57,8% (85) marcaram que sim, e mais uma vez, um número elevado de participantes, 42,2% (62) marcaram não conhecerem a mediação extrajudicial.

Dado um breve conceito sobre o que seria a mediação extrajudicial, foi questionado aos entrevistados se eles acreditariam que tal método de autocomposição seria capaz de solucionar alguns tipos de conflitos, momento que a imensa maioria, 96,6 (142) responderam que sim, e apenas 5 participantes acreditam que a mediação não seria eficaz para solucionar conflitos.

Seguindo o questionário, após apresento um breve conceito de mediação extrajudicial, foi apresentada a seguinte situação: no trânsito, uma pessoa infringe o sinal vermelho em um cruzamento e colide em seu veículo, causando danos materiais no valor de R\$5.000,00, e se recusa a pagar pelo conserto do bem, e sabendo que, no momento, não houve acordo com o indivíduo, qual seria o caminho escolhido, a fim de resolver o devido conflito, se já recorreriam diretamente às vias judiciais ou se optariam por nomear um mediador extrajudicial. Lamentável e evidentemente, 55,1% (81), ou seja, a maioria dos participantes optou por demandar em juízo para solucionar o problema, e, surpreendentemente, 44,9% (66) dos entrevistados, optariam por nomear um mediador, por acreditar que conseguiriam sanar a lide de forma pacífica e fora do Poder Judiciário.

Observa-se que a maioria dos participantes ainda não confiam na eficiência da mediação, e acreditam que a melhor forma de dirimir o conflito posto a exemplo seria recorrer ao desgaste psicológico, emocional e financeiro das vias judiciais, onde ainda a possibilidade de sair insatisfeito é consideravelmente eminente.

Por fim, os entrevistados foram questionados se acreditavam que a mediação extrajudicial poderia ser eficaz em qualquer tipo de conflito, momento em que 67,1%

(98) responderam negativamente e apenas 32,9% (48) dos participantes confiaram que a mediação seria sim, eficaz em qualquer espécie de conflito ou demanda.

Também foram distribuídos a três operadores da mediação perguntas a respeito de sua atuação como mediador.

A entrevistada A atua com mediação judicial há cerca de 15 anos, e explicou que aproximadamente 80% a 90% das demandas tem acordos positivos realizados. Explicou também a respeito da satisfação das partes após a realização do acordo: “Muito grande, pois não imaginam que elas próprias podem criar solução conveniente para ambas as partes e terminar com os processos mais rapidamente. O pré-processual também funciona da mesma forma”. Quando questionada com relação a possível insatisfação da alguma das partes, a entrevistada disse que a parte é livre para fazer ou não o acordo e que, na sessão de abertura, isto deve ser esclarecido e colhido o entendimento e aceitação das partes às regras da mediação, para evitar futuras insatisfações.

A entrevistada B atua com mediações extrajudiciais há quatro anos, explanou que as demandas variam em direitos de Família, Consumidor e também em âmbito empresarial em conflitos internos e trabalhistas, e que realiza cerca de cinquenta acordos anuais. Explicou também a técnica utilizada quando não há um acordo:

*Nos casos que eu presidi, as partes estavam satisfeitas com o diálogo respeitoso que fora feito, equilibrando necessidades e sentimentos. Com a oportunidade de as partes serem ouvidas por si próprias e uma pela outra. Rapport é abordagem feita pelo mediador para restituir o diálogo das partes é essencial, ainda que não haja acordo, é importante que haja diálogo e equilíbrio de entendimento entre partes.*

A entrevistada C, que também atua como mediadora extrajudicial há mais de quatro meses, expôs que a maior demanda está no âmbito familiar e que cerca de 80% dos casos são resolvidos de forma positiva e satisfatória a ambas as partes, segundo a mediadora, devido ao fato de elas mesmas construírem a resolução de seus conflitos, sendo estas benéficas e favoráveis e contam com a celeridade. Explicou também que quando uma parte não se encontra satisfeita com a mediação, é aplicado a técnica do cáucus, onde a parte que não está à vontade é convidada a participar de uma sessão individual e confidencial para que exponha sua insatisfação e novamente é marcado um novo momento (sessão), para enfim tentar se chegar a um acordo.

As três participantes concordam que as técnicas que são utilizadas nas seções de mediação ajudam as partes não só na resolução do conflito aludido, mas também em outros aspectos da vida dos envolvidos. Nas palavras da entrevistada B:

*Uma sessão bem instruída e estimulada, favorece as partes permanentemente em conjunto e individualmente. Através do diálogo e escuta, contata com a parte também vetora do conflito, traz uma construção jurídico social que leva instrução para cada indivíduo como pessoa e cidadão.*

#### 4. CONCLUSÃO

A pesquisa abordou sobre a mediação extrajudicial como forma de resolução pacífica de conflitos, demonstrando ser esta uma das espécies de autocomposição previstas no ordenamento processual civil brasileiro e instrumento capaz de alcançar resultados bastante positivos, seja para as partes seja para o erário, afinal chega-se à

resolução de conflitos e preservação da paz social com pequenos custos haja vista o valor despendido pelo Poder Judiciário ano a ano em causas que poderiam ser resolvidas com um bom diálogo entre as partes interessadas, guiadas pelo conhecimento e técnicas de um mediador extrajudicial.

Como introyto foi demonstrada a evolução histórica do processo de mediação, sendo esboçado adiante pontos positivos e negativos dos processos de autocomposição em geral (mediação, conciliação e arbitragem), com breve conceito sobre os dois últimos métodos e aprofundamento no primeiro, tema principal deste trabalho de conclusão de curso, com destaque para as diferenças entre mediação judicial e extrajudicial e os benefícios que cada uma delas pode proporcionar às partes interessadas nesses modelos de autocomposição.

Como forma de valorizar o profissional que conduz as sessões de mediação foi abordada a figura do mediador, suas características e atribuições, a importância de sua atuação com aplicação das técnicas adequadas e as hipóteses de suspeição e impedimentos, conforme previsto na legislação brasileira, de forma a não prejudicar a possibilidade de manutenção de diálogo pacífico entre os envolvidos e o alcance de acordo satisfatório para ambas as partes.

Por meio de leitura de material bibliográfico e pesquisa de campo foi possível constatar que, apesar da divulgação superficial sobre os mecanismos de autocomposição por parte do Poder Judiciário, a mediação é mecanismo eficaz e muitos são os benefícios advindos desta modalidade, tanto no que tange à resolução da lide quanto no auxílio ao crescimento pessoal dos participantes da seção que, ao descobrirem juntos onde e quando surgiu o conflito, neste caso chamado de “ruído de comunicação”, conseguem concretizar mudanças de paradigmas e evoluir pessoalmente após descobrirem que são pessoas capazes de resolverem, por si só, suas questões financeiras e até mesmo emocionais.

Portanto, com a satisfação de finalizar esta pesquisa de conclusão de curso, conclui-se que com um bom diálogo e aplicação de técnicas específicas é possível proporcionar aos envolvidos, sob a destreza de um mediador extrajudicial, o encontro de solução para um atrito outrora estabelecido, chamado “ruído de comunicação”. Desta forma é possível estabelecer entre as partes um acordo sobre o bem pretendido (móvel ou imóvel), além de restaurar a paz e a dignidade, visto que a celeridade no encerramento da questão – sem desgaste emocional e financeiro excessivo, será capaz de torná-las pessoas melhores, mais solidárias e principalmente mais felizes.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, André Gomma (Org.). Manual de mediação judicial. 6. ed. Brasília-DF: CNJ, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/30zc4kP>. Acesso em: 12 set. 2021.
- BRASIL. [Constituição (1824)]. Constituição Política do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado dos Negócios do Império do Brasil, 1824. Disponível em: <https://bit.ly/3b6K3TT>. Acesso em: 10 set. 2021.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília-DF: Senado, 1988. Disponível em: <https://bit.ly/3vka6A7>. Acesso em: 10 set. 2021.
- BRASIL. Decreto nº. 359 de 26 de abril de 1890. Revoga as leis que exigem a tentativa de conciliação preliminar ou posterior como formalidade essencial nas causas cíveis e comerciais. Rio de Janeiro: Catete, 1890. Disponível em: <https://bit.ly/3AOq3zl>. Acesso em: 20 set. 2021.
- BRASIL. Decreto nº. 737 de 25 de novembro de 1850. Determina a ordem do juízo no processo comercial. Rio de Janeiro: Paço do Senado, 1850. Disponível em: <https://bit.ly/3AYQumt>. Acesso em: 20 set. 2021.
- BRASIL. Lei nº. 13.105 de 16 de março de 2015. Institui o Código de Processo Civil. Brasília-DF: Senado, 2015a. Disponível em: <https://bit.ly/3ACry3R>. Acesso em: 21 set. 2021.
- BRASIL. Lei nº. 13.140 de 26 de junho de 2015. Dispõe sobre a mediação entre particulares como meio de solução de controvérsias e sobre a autocomposição de conflitos no âmbito da administração pública [...]. Brasília-DF: Senado, 2015b. Disponível em: <https://bit.ly/2YDGstj>. Acesso em: 27 set. 2021.
- COELHO, Marcus Vinicius Furtado. Judiciário deve entender que caminho da autocomposição é sempre mais produtivo. Consultor Jurídico, 22 dez. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3AwVGh2>. Acesso em: 27 set. 2021.
- FALECK, Diego. TARTUCE, Fernanda. Introdução histórica e modelos de mediação. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3lzLos6>. Acesso em: 26 set. 2021.
- LEITE, Gisele; PEREIRA, Edvaldo Alvarenga. O perfil do mediador da resolução dos conflitos. Jus Brasil, 07 jan. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3ABSDnU>. Acesso em: 07 set. 2021.
- MELLO, José Carlos Martins. Como foi solucionado o conflito Abílio Diniz X Casino. Valor Agregado, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/2YLqJjg>. Acesso em: 24 set. 2021.
- NEVES, Daniel Amorim Assumpção. Manual de direito processual civil. 10. ed. Salvador: Juspodivm, 2019.
- PERPETUO, Rafael Silva; MIRANDA, Vanessa Diniz Mendonça; NABHAN, Francine Rodante Ferrari; ARAÚJO, Jakeline Nogueira Pinto. Os métodos adequados de solução de conflitos: mediação e conciliação. Revista da Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo, v. 24, n. 2, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3BPetk8>. Acesso em: 07 set. 2021.
- SOLBERG, Tomaz. Mediação em grande causa. Artigos, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3lAgqQx>. Acesso em: 22 set. 2021.
- SILVA, Iann Moura de Oliveira. Análise histórica da autocomposição no Brasil e sua perspectiva com o advento do novo código de processo civil. Conteúdo Jurídico, 23 jul. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3oZNM4>. Acesso em: 26 set. 2021.
- TAKAHASHI, Bruno; ALMEIDA, Daldice Maria Santana; GABBAY, Daniela Monteiro; ASPERTI, Maria Cecília de Araújo. Manual de mediação e conciliação na justiça federal. Brasília-DF: Conselho da Justiça Federal, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3pnhHgv>. Acesso em: 24 set. 2021.
- VALIM, Carlos Eduardo. E a guerra continua. ISTOÉ Dinheiro, 27 out. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3iYeFuK>. Acesso em: 24 set. 2021.

## ANEXO 1

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado participante voluntário:

Você está convidado a responder este questionário anônimo que faz parte da coleta de dados da pesquisa **MEDIAÇÃO: UM CAMINHO PARA RESULTADOS POSITIVOS E EFICAZES SEM JUDICIALIZAÇÃO**, sob responsabilidade da pesquisadora **BRUNA ELER GONÇALVES**, celular 27-99632-0461, do curso de Graduação em Direito da Faculdade Alfa Unipac de Aimorés-MG.

Caso você concorde em participar da pesquisa, leia com atenção os seguintes pontos:

a) Você é livre para, a qualquer momento, recusar-se a responder às perguntas que lhe ocasionem constrangimento de qualquer natureza;

b) Você pode deixar de participar da pesquisa e não precisa apresentar justificativas para isso;

c) Sua identidade será mantida em sigilo;

d) Caso você queira, poderá ser informado de todos os resultados obtidos com a pesquisa, independentemente do fato de mudar seu consentimento em participar da pesquisa.

e) Apenas maiores de idade podem responder ao questionário para atender à finalidade da pesquisa.

## QUESTIONÁRIO PARA AS PARTES:

## PARTE 1 - Perfil do entrevistado:

1. Gênero

masculino

feminino

outros

2. Faixa etária

de 18 a 25 anos

de 26 a 35 anos

de 36 a 50 anos

acima de 50 anos

3. Escolaridade

ensino médio incompleto  ensino médio completo

ensino superior incompleto  ensino superior completo

## PARTE 2. Questões relacionadas ao tema:

1. Você já figurou como parte em um processo judicial?  sim

não

2. Você já ouviu falar em meios de autocomposição (mediação, conciliação e arbitragem)?  sim

não

3. Você já ouviu falar em mediação em sua forma extrajudicial?  sim

não

4. Sabendo que o conceito de mediação extrajudicial é “procedimento que ocorre fora do Judiciário, sem grandes despesas e conta com instruções de um mediador imparcial e técnicas de comunicação que permitem que as próprias partes construam alternativas para que cheguem a um acordo comum e resolvam o conflito” você acredita que a mediação seja método capaz de resolver alguns conflitos?

sim

não

5. Sabendo brevemente o conceito de mediação extrajudicial e dada a situação: no trânsito, uma pessoa infringe o sinal vermelho em um cruzamento e colide em seu veículo, causando danos materiais no valor de R\$ 5.000,00, e recusa a pagar o conserto do bem. E sabendo que no momento não houve acordo com o indivíduo causador do dano, qual caminho você escolheria a fim de resolver este conflito?

recorrer diretamente à via judicial

optaria em nomear um mediador extrajudicial

6. Você acredita que a mediação seja eficaz em qualquer conflito?  sim

não